

Coordenadoria
do Curso de Letras
Língua Inglesa e suas Literaturas



Universidade Federal
de São João del-Rei

CAROLINA DOS REIS CORDEIRO

**“WE WILL VOTE YOU OUT”: DISPUTAS DE PODER E RESISTÊNCIA
IDEOLÓGICA ENTRE TAYLOR SWIFT E DONALD TRUMP NAS REDES SOCIAIS**

SÃO JOÃO DEL-REI

2025

CAROLINA DOS REIS CORDEIRO

**“WE WILL VOTE YOU OUT”: DISPUTAS DE PODER E RESISTÊNCIA
IDEOLÓGICA ENTRE TAYLOR SWIFT E DONALD TRUMP NAS REDES SOCIAIS**

Projeto de Pesquisa apresentado à
Coordenação do Trabalho Final de Graduação,
como requisito parcial, para obtenção do título
de licenciado em Letras - Língua Inglesa e
suas Literaturas da Universidade Federal de
São João Del-Rei – *campus* Dom Bosco.

Orientador: Prof. Dra. Patrícia Mara de
Carvalho Costa Leite

Coorientador: Prof. Me. Altair dos Santos
Bernardo Júnior

SÃO JOÃO DEL-REI

2025

Agradecimentos

Gostaria de expressar meu sincero agradecimento, primeiramente, à minha mãe, por acreditar em mim e me apoiar incondicionalmente em todos os momentos. Agradeço também ao meu irmão, Matheus, e à minha melhor amiga, Maria, por todo o apoio constante, mesmo à distância.

Sou grata à Universidade Federal de São João del-Rei, por todas as oportunidades e experiências que me permitiram crescer academicamente e pessoalmente. Agradeço a todos os professores do curso, cujos ensinamentos contribuíram profundamente para minha formação.

À minha orientadora, sou grata pela dedicação, orientação e incentivo constante ao longo de toda a realização deste trabalho. Ao meu coorientador, agradeço pelo entusiasmo contagiante ao compartilhar generosamente seus conhecimentos em sua inspiradora linha de pesquisa, bem como por todo o apoio e suporte durante o processo.

Gostaria ainda de expressar minha gratidão a cada amigo que fiz em São João del-Rei, cuja amizade, apoio e presença tornaram essa trajetória mais leve e significativa.

A todos, meus mais sinceros agradecimentos!

Resumo:

Este trabalho analisa a mobilização discursiva da imagem de Taylor Swift por Donald Trump, visando reforçar fronteiras ideológicas, consolidar sua base política e reinstaurar valores patriarcais. Sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), com ênfase nas contribuições do modelo analítico tridimensional de Fairclough (2001), investigou-se como o então presidente instrumentaliza a artista, não como sujeito dotado de agência, mas como recurso simbólico a serviço de sua narrativa hegemônica. O estudo também examina os impactos econômicos, culturais e políticos de Swift, evidenciando como sua relevância pública potencializa os efeitos de sua apropriação discursiva e explica sua exposição recorrente a ataques. Conclui-se que a disputa discursiva envolvendo a cantora revela tensões mais amplas entre gênero, poder e circulação de significados na esfera pública digital.

Palavras-chave: Taylor Swift; Donald Trump; discurso; gênero; polarização; hegemonia.

Abstract:

This study analyzes the discursive mobilization of Taylor Swift's public image by Donald Trump, aimed at reinforcing ideological boundaries, consolidating his political base, and reinstating patriarchal values. From the perspective of Critical Discourse Analysis (CDA), with particular emphasis on the three-dimensional analytical model of Fairclough (2001), it investigates how the former president instrumentalizes the artist, not as an agentive subject, but as a symbolic resource serving his hegemonic narrative. The study also examines Swift's economic, cultural, and political impact, highlighting how her public relevance amplifies the effects of her discursive appropriation and explains her recurrent exposure to attacks. It concludes that the contestation surrounding the singer reveals broader tensions between gender, power, and the circulation of meanings in the digital public sphere.

Keywords: Taylor Swift; Donald Trump; discourse; gender; polarization; hegemony.

Sumário

1. Introdução	1
2. Objetivos	2
2.1 Objetivo geral:	2
2.2 Objetivos Específicos:	2
3. Referencial Teórico	2
3.1 “C” de crítica	4
3.2 Princípios da ACD	5
3.3 Texto, sociedade e discurso na ACD	5
3.4 Poder, ideologia e hegemonia	6
3.5 Enfoques da ACD: a perspectiva de Fairclough	7
3.6 O modelo tridimensional de Fairclough	8
3.7 Mudança discursiva e mudança social	9
4. Contextualização	10
4.1 O Twitter e sua consolidação como plataforma de microblogging	10
4.2 O papel político do Twitter	11
4.3 O Truth Social e a continuidade do discurso político digital	11
4.4 Taylor Swift e a construção de uma voz política na cultura da visibilidade	12
5. Metodologia	12
6. Análises	15
6.1 Análise do primeiro tweet de Taylor Swift (2020)	15
6.2 Análise do segundo tweet de Taylor Swift (2020)	18
6.3 O silêncio estratégico e a retomada da disputa discursiva (2020–2024)	20
6.4 O retorno da disputa: quando o silêncio se rompe em 2024	21
6.5 A instrumentalização da imagem de Swift no discurso político	25
6.6 A reapropriação discursiva da imagem: o posicionamento de Taylor Swift no Instagram	26
6.7 O ódio como estratégia discursiva de controle simbólico	30
7. Resultados	38

8. Conclusão.....	42
Referências:.....	44

Sumário de imagem

Figura 1 – Modelo tridimensional de Fairclough	8
Figura 2 – Primeiro tweet (Taylor Swift)	16
Figura 3 – Segundo tweet (Taylor Swift)	18
Figura 4 – Terceiro tweet (Taylor Swift)	18
Figura 5 – Post de Trump sobre a Music Modernization Act	22
Figura 6 – Imagem manipulada por IA compartilhada por Donald Trump.....	25
Figura 7 – Declaração política de Taylor Swift no Instagram.....	26
Figura 8 – Ataque de Trump a Taylor Swift	31
Figura 9 – Post depreciativo de Trump sobre Swift.....	33
Figura 10 – Post de Donald Trump sobre o discurso “woke”.....	35

1. Introdução

A relação entre discurso político, cultura *pop* e disputas hegemônicas intensificou-se no contexto digital contemporâneo, em que figuras públicas passam a operar como agentes simbólicos capazes de influenciar percepções, orientar afetos e tensionar narrativas ideológicas em larga escala. Nessa dinâmica, artistas e celebridades deixam de ocupar exclusivamente o campo do entretenimento e tornam-se elementos estratégicos na construção de projetos políticos e identitários. É nesse cenário que se insere o embate discursivo entre Donald Trump e Taylor Swift, no qual a artista é mobilizada como signo político cuja função ultrapassa sua atuação musical e passa a integrar disputas simbólicas mais amplas.

A partir da Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente da concepção de luta hegemônica proposta por Fairclough (2001), este trabalho investiga de que modo Trump instrumentaliza a figura de Swift para reforçar fronteiras identitárias marcadas, sustentar sua lógica polarizadora e produzir efeitos ideológicos junto à sua base. Nessa perspectiva, o discurso é compreendido como prática social que não apenas representa, mas constrói e disputa sentidos, tornando relevante observar como determinados sujeitos são posicionados e ressignificados dentro dessas relações.

Ao mesmo tempo, compreender o fenômeno exige considerar a relevância cultural, econômica e midiática da artista. O impacto bilionário da carreira de Swift, seu alcance digital global e a construção de uma identidade pública ancorada em narrativas de autenticidade, vulnerabilidade e responsabilidade social fazem com que sua presença no debate público carregue significativa força política. Ademais, ao ocupar um espaço historicamente marcado pela vigilância e moralização da presença feminina, Swift desafia expectativas de gênero e tensiona normas patriarcais, o que contribui para intensificar reações de setores conservadores.

Dessa forma, analisar como Trump constrói discursivamente a figura de Swift permite observar não apenas uma controvérsia pontual, mas processos mais amplos de produção e disputa de significados no espaço público contemporâneo. O objetivo deste trabalho, portanto, é examinar como esse conflito simbólico é constituído, quais estratégias discursivas o estruturam e de que modo gênero, política e cultura pop se entrelaçam na disputa por hegemonia no ambiente digital, o que será realizado por meio da análise de um corpus de postagens no *Twitter* (X), no *Truth Social* e no *Instagram*, de Taylor Swift e Donald Trump, publicadas em redes sociais entre 2020 e 2025. Ao articular esses elementos, torna-se possível

revelar mecanismos mais profundos de manutenção, contestação e circulação de sentidos que moldam as práticas sociais e comunicativas da atualidade.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral:

Analisar um corpus composto por postagens de Taylor Swift e Donald Trump, nas redes sociais: *Twitter*, *Truth Social* e *Instagram*, publicadas entre 2020 e 2025, sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), destacando as representações ideológicas e hegemônicas nelas presentes e suas relações com os processos de dominação e resistência.

2.2 Objetivos Específicos:

1. Selecionar e sistematizar postagens de Taylor Swift e Donald Trump relacionadas às eleições presidenciais dos Estados Unidos e aos posicionamentos políticos publicados entre 2020 e 2025.
2. Identificar e descrever os recursos linguísticos e discursivos presentes nas postagens, considerando aspectos como léxico, metáforas, intertextualidade e estratégias retóricas.
3. Examinar como as postagens constroem representações ideológicas acerca da política, da democracia e das relações de poder.
4. Analisar de que modo os discursos de cada figura pública reforçam, disputam ou questionam padrões hegemônicos e ideologias de gênero.

3. Referencial Teórico

A Análise Crítica do Discurso (ACD) também conhecida como Análise de Discurso Crítica (ADC) ou Estudos Críticos Discursivos (ECD) é uma abordagem teórico-metodológica voltada para o estudo das relações entre linguagem e sociedade, com foco nas estruturas de poder, ideologia e dominação. Ao longo deste trabalho, será utilizado o termo “Análise Crítica do Discurso (ACD)” por uma questão de padronização e clareza. Essa escolha se justifica tanto pela recorrência do termo na literatura brasileira quanto pela sua vinculação direta à autores como Norman Fairclough, Teun van Dijk e Ruth Wodak.

Esta seção tem como objetivo apresentar os fundamentos da ACD, abordando sua origem, princípios, objetivos e principais conceitos, com foco na perspectiva de Norman Fairclough (2001), cuja contribuição teórica será central para as análises futuras deste estudo. Além disso, será discutida a relevância do discurso como prática social e as implicações da linguagem na manutenção ou transformação das relações de poder.

A Análise Crítica do Discurso surgiu na Europa, especialmente no Reino Unido, no final da década de 1980, como uma reação a abordagens linguísticas mais formais e descontextualizadas. Pesquisadores como Norman Fairclough, Ruth Wodak e Teun van Dijk buscaram desenvolver uma teoria que integrasse a análise linguística à crítica social.

No livro *Discurso e mudança social*, Fairclough (2001) observa que, na França, Michel Pêcheux e seus colaboradores desenvolveram uma abordagem da Análise do Discurso baseada na linguística de Zellig Harris e em uma releitura da teoria marxista da ideologia proposta por Althusser. Apesar de trazer contribuições relevantes, essa vertente apresenta, segundo Fairclough, um certo desequilíbrio entre os aspectos sociais e linguísticos da análise. Além disso, carece de uma teoria social mais elaborada, e os conceitos de ideologia e poder não são suficientemente desenvolvidos. Há também uma ênfase nos textos como produtos acabados, com pouca atenção aos processos de produção e interpretação textual.

A partir dessas limitações, Fairclough (2001) propõe uma abordagem dialética que busca integrar análise linguística e teoria social, influenciada pela concepção bakhtiniana de discurso como processo histórico e dialógico, e pela noção foucaultiana de que o discurso é uma prática social atravessada por relações de poder e saber.

Segundo Fairclough (2001), a abordagem francesa da Análise do Discurso, como a desenvolvida por Michel Pêcheux, tende a tratar a prática discursiva e o evento discursivo como exemplos de estruturas discursivas fixas e unitárias. Essa perspectiva, influenciada pelo estruturalismo, considera que os códigos discursivos são formados por conjuntos bem definidos, cuja combinação se dá de forma mecânica e previsível. Como resultado, há uma ênfase na estabilidade das estruturas, com menor atenção à variabilidade, às disputas de sentido e aos processos de produção e interpretação dos textos. Fairclough (2001) contrapõe essa visão com sua proposta dialética, que entende a prática discursiva como contraditória, dinâmica e historicamente situada, envolvida em relações de poder e ideologia.

Diante dessas limitações, Fairclough (2001) propõe uma abordagem que concebe o discurso como prática social, enfatizando a relação dialética entre linguagem e sociedade. Seu modelo busca articular análise linguística, teoria social e crítica ideológica, consolidando-se como uma das principais referências dentro da Análise Crítica do Discurso. É importante

destacar que a ACD se caracteriza por seu viés crítico, comprometido com a transformação social e a denúncia das assimetrias de poder presentes nas práticas discursivas. A seguir, serão apresentados os princípios que norteiam essa perspectiva.

3.1 “C” de crítica

O “C” de crítica remete à postura engajada da ACD diante das práticas discursivas. Essa abordagem não se limita à descrição de fenômenos linguísticos, mas busca desvelar os mecanismos de dominação e ideologia presentes nos discursos e contribuir, assim, para a transformação social. De acordo com Wodak (2005, *apud* Batista Junior; Sato; Melo, 2018), as ciências podem ser compreendidas como críticas a partir de três traços fundamentais de seus posicionamentos epistemológicos:

- **Denunciativo:** as ciências críticas não se limitam a descrever as realizações do mundo, mas avaliam e problematizam a naturalização dessas realizações. Elas exploram causas e efeitos de fenômenos que, embora não sejam visíveis, são perceptíveis nas práticas sociais, denunciando processos naturalizados por interesses particulares.
- **Engajado:** as ciências críticas não têm como propósito a manipulação, mas sim a reflexão. Reconhecem-se como parte do mundo que analisam, assumindo seus próprios posicionamentos e problemas, o que as torna engajadas eticamente.
- **Pedagógico:** um dos principais objetivos das ciências críticas é iluminar as condições de opressão vividas por sujeitos socialmente marginalizados, contribuindo para que possam reconhecer formas de coerção simbólica e ideológica às quais estão submetidos. Ao fazer isso, buscam promover a emancipação e o desenvolvimento da consciência crítica.

Segundo Fairclough (2001), o papel da crítica está em mostrar como práticas discursivas sustentam relações desiguais de poder e, ao mesmo tempo, oferecem instrumentos para resistir a essas formas de dominação. Nesse sentido, o discurso é visto como um espaço de disputa ideológica onde diferentes projetos sociais se confrontam. A crítica, portanto, não é apenas um diagnóstico, mas também uma prática de resistência e ação.

No campo da mídia e da política, por exemplo, a ACD permite questionar como determinados sujeitos são representados de forma desfavorável, enquanto outros têm suas

falas legitimadas. Essa crítica visa tornar visíveis as estratégias discursivas de naturalização, apontando caminhos para a desconstrução de discursos hegemônicos.

3.2 Princípios da ACD

De acordo com Fairclough (2001) a ACD se baseia em alguns princípios fundamentais, entre eles:

- O discurso é uma forma de prática social.
- A linguagem é constitutiva das relações sociais.
- As práticas discursivas são historicamente situadas.
- O discurso está imerso em relações de poder e ideologia.
- O analista deve manter uma postura crítica diante das estruturas sociais e discursivas.

3.3 Texto, sociedade e discurso na ACD

Na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), o discurso é entendido como uma prática social que tanto reflete quanto constrói a realidade. Ele é um meio pelo qual os sujeitos se posicionam, negociam sentidos e reproduzem ou contestam formas de dominação.

Van Dijk (Van Dijk, 2005a, *apud* Batista Junior; Sato; Melo, 2018) pontua que “a ADC não é neutra e tem orgulho disso” (p. 32), ressaltando o compromisso político e social dessa abordagem com a denúncia das desigualdades. Nessa perspectiva, Fairclough (2001) propõe compreender o discurso tanto como texto quanto como interação, rompendo com qualquer pretensão de neutralidade, uma vez que integra análise linguística e teoria social. Ao usar o termo “discurso”, Fairclough propõe “considerar o uso de linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (Fairclough, 2001, p. 90).

Nessa perspectiva, o discurso é entendido como a linguagem enquanto forma de prática social, sendo o meio pelo qual o mundo é representado, interpretado e também moldado. Como afirma Fairclough (2001), “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo significado” (p. 91).

A vida social, por sua vez, é condicionada por estruturas sociais que influenciam e são influenciadas pelas práticas discursivas. Assim, o discurso constitui uma prática social que revela crenças, valores, relações de poder e ideologias. A Análise Crítica do Discurso, nesse

sentido, cumpre um papel fundamental ao evidenciar o caráter ideológico presente nos discursos e ao desnaturalizar sentidos hegemônicos.

3.4 Poder, ideologia e hegemonia

Na ACD, o poder é compreendido como algo que circula por meio das práticas discursivas. Van Dijk (2016, *apud* Vieira e Macedo, 2018) afirma que “se o discurso controla mentes e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar” (p. 59).

Segundo Fairclough (2001), o discurso constitui um espaço privilegiado para a manifestação de ideologias e relações de poder, pois é por meio dele que crenças dominantes se naturalizam e podem ser desafiadas, manifestando-se não apenas de forma coercitiva, mas também simbólica, influenciando modos de pensar, agir e se relacionar.

Além dessa dimensão simbólica, Van Dijk (2008) destaca que as ideologias também se manifestam por meio de estratégias discursivas que estruturam relações de poder. Uma das mais recorrentes é a polarização entre “nós” e “eles”, na qual grupos dominantes representam a si mesmos como racionais, legítimos ou vítimas, enquanto descrevem o outro grupo de forma negativa, perigosa ou moralmente inferior. Como explica o autor, quem detém acesso preferencial ao discurso público, como políticos, imprensa e elites, tem o poder de definir a situação social e influenciar a percepção coletiva, contribuindo para a reprodução de desigualdades e da ordem social vigente.

Essa concepção é central para a ACD, na medida em que demonstra como o poder pode ser exercido por meio da linguagem, sem o uso direto da força. Para Foucault (2014, *apud* Vieira e Macedo, 2016)), os discursos não apenas refletem a realidade, mas a constroem, sendo capazes de produzir efeitos de verdade e organizar o saber social.

A concepção de discurso como prática social na ACD também dialoga com a filosofia da linguagem de Bakhtin (Bakhtin, 1981; 1986, *apud* Fairclough, 2001), para quem os discursos são materializados por meio de gêneros sociais e sempre carregam crenças, valores e ideologias. Nesse sentido, os enunciados são compreendidos como respostas a outros discursos, em um processo contínuo de interação verbal e ideológica.

Para sustentar o discurso, o conceito de ideologia se torna uma peça importante, pois mantém relações assimétricas de poder que são frequentemente naturalizadas nos discursos. Ideologia é aquilo que está por trás das palavras: são ideias que as pessoas aprendem e repetem, muitas vezes sem perceber, porque estão naturalizadas (Fairclough, 2001).

Fairclough (2001) entende a ideologia como um instrumento simbólico que contribui para a manutenção da dominação social, justamente por operar de forma silenciosa e naturalizada. Sendo usada para manter ou mudar o poder.

A hegemonia, por sua vez, é a forma como certos discursos se tornam dominantes e passam a ser vistos como “comuns” ou “naturais”. Fairclough, inspirado em Gramsci (Gramsci, 1971, *apud* Fairclough, 2001), entende a hegemonia como um processo discursivo contínuo de construção de consenso.

Uma ideia pode se tornar tão naturalizada que sua origem e validade deixam de ser questionadas, como se fosse algo “natural”. A hegemonia está ligada à manutenção da ordem social, mas de maneira sutil e constante. A linguagem, nesse processo, contribui para a disseminação dessas ideias e para a manutenção das estruturas de poder.

Por isso, a prática discursiva (produzir, distribuir, interpretar textos) participa da luta hegemônica, ou seja, os discursos influenciam o que achamos certo, justo e verdadeiro. A hegemonia depende da ideologia, pois é através dela que se constrói o consenso.

3.5 Enfoques da ACD: a perspectiva de Fairclough

Existem diferentes correntes dentro da ACD. A abordagem sócio-interacionista de Ruth Wodak (Ruth Wodak, 2005a, *apud* Batista Junior; Sato; Melo, 2018) também conhecida como Escola de Viena, propõe a reconstrução do contexto histórico como elemento fundamental para a compreensão de como os discursos são moldados por processos sociais e políticos.

A abordagem sociocognitiva de Teun van Dijk (Van Dijk, 2005a, *apud* Batista Junior; Sato; Melo, 2018), por sua vez, enfatiza os modelos mentais que os indivíduos constroem com base em suas experiências discursivas, ressaltando o papel da cognição na produção e interpretação dos textos. Já a abordagem dialético-relacional de Norman Fairclough (2001) propõe uma análise articulada entre texto, prática discursiva e prática social, buscando compreender de que maneira a língua e a linguagem tanto refletem quanto transformam as estruturas sociais.

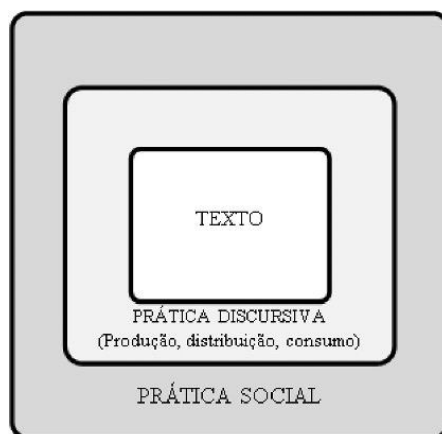
A proposta de Fairclough (2001), na qual este trabalho se baseia, articula três níveis de análise: o texto (forma linguística), a prática discursiva (produção e interpretação) e a prática social (contexto mais amplo). Propondo uma análise dialética do discurso, na qual texto e sociedade se moldam mutuamente. Ele enfatiza que a linguagem contribui tanto para manter quanto para modificar as relações sociais.

A partir dessa perspectiva, é possível examinar o modelo tridimensional de Fairclough, que organiza a análise do discurso em três níveis interdependentes: texto, prática discursiva e prática social. A seguir, será detalhado cada um desses níveis, a fim de compreender como se articulam na produção e interpretação dos discursos.

3.6 O modelo tridimensional de Fairclough

Fairclough (2001) propõe um modelo de análise composto por três dimensões, como visto na figura abaixo:

Figura 1: Modelo tridimensional de Fairclough



Fonte: Fairclough (2016, p. 105)

À vista disso, as três dimensões propostas por Fairclough (2001) podem ser compreendidas como complementares:

- **Texto (descrição):** corresponde à análise linguística em si, observando vocabulário, estrutura sintática, coesão e recursos estilísticos. Nesse nível, pergunta-se, por exemplo: que termos foram escolhidos? O texto privilegia construções na voz ativa ou passiva? O vocabulário é técnico, coloquial, avaliativo? Essas escolhas não são neutras, mas já apontam para sentidos possíveis.
- **Prática discursiva (interpretação):** refere-se aos processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Aqui, considera-se quem escreveu, para quem e em que contexto. Por exemplo, em uma rede social, ao analisar o ataque de um político a uma figura pública, pode-se observar a escolha de termos depreciativos que buscam deslegitimar sua posição política. Enquanto apoiadores do político podem interpretar

essas declarações como uma forma de “colocar o opositor em seu lugar”, críticos e setores da mídia podem destacar a tentativa de silenciar uma pessoa que se posiciona publicamente.

- **Prática social (explicação):** situa o discurso em contextos sociais mais amplos, conectando-o a ideologias, valores dominantes e relações de poder. Pergunta-se: o texto reforça, legitima ou desafia determinadas crenças e desigualdades? Em outras palavras, investiga-se de que forma o discurso participa da (re)produção de estruturas sociais.

Essas três dimensões se articulam de forma dialética e permitem compreender o papel do discurso na (re)produção das estruturas sociais. A análise textual revela escolhas linguísticas que, interpretadas no âmbito da prática discursiva, apontam como determinados sentidos são construídos, circulam e se tornam naturalizados. Essas práticas, por sua vez, estão inseridas em contextos sociais mais amplos, frequentemente marcados por relações de poder e ideologias específicas. O modelo não deve ser entendido como uma sequência linear, mas sim como um processo de análise dinâmica e contínua, em que o analista transita entre as dimensões para aprofundar a interpretação crítica do discurso.

Vale destacar que a ACD adota uma abordagem qualitativa, interpretativa e crítica, sendo o texto seu principal objeto de análise. Por meio dessa perspectiva, é possível evidenciar como discursos contribuem para consolidar interesses particulares sob a aparência de neutralidade e senso comum.

3.7 Mudança discursiva e mudança social

A ACD parte do princípio de que as mudanças discursivas podem levar a mudanças sociais. Ao alterar os modos de representar grupos, identidades ou relações de poder, os discursos contribuem para transformações na sociedade. Fairclough (2001) destaca que é por meio de disputas discursivas, ou seja, da luta por sentidos, que se abrem possibilidades de mudança. Assim, a Análise Crítica do Discurso constitui também uma prática política, uma vez que busca promover mudanças sociais por meio da problematização de discursos naturalizados. Essas transformações ocorrem quando representações consolidadas são desafiadas e perdem seu status de “natural”.

Por isso, a ACD assume intencionalmente uma postura engajada e crítica diante das desigualdades sociais, reconhecendo que a linguagem não é neutra e pode tanto manter quanto

desafiar estruturas de poder (Van Dijk, 2005a, *apud* Batista Jr.; Sato; Melo, 2018). Do mesmo modo, Fairclough (2001) propõe compreender o discurso tanto como texto quanto como interação, rompendo com qualquer pretensão de neutralidade, uma vez que integra análise linguística e teoria social.

Além disso, como define Wodak (2005, *apud* Batista Jr Sato; Melo, 2018), o discurso pode ser entendido como “um complexo conjunto de atos linguísticos simultâneos e sequencialmente inter-relacionados que se manifestam dentro e através dos âmbitos sociais de ação” (p. 27). Essa concepção reforça o potencial transformador da linguagem, que atua como prática social e pode tanto sustentar quanto modificar relações de poder.

4. Contextualização

Nesta seção, será apresentado o contexto das redes sociais digitais e seu papel na comunicação política contemporânea, com ênfase no *Twitter*¹ e no *Truth Social*. Também será abordada a atuação de figuras públicas, como Taylor Swift, na construção de vozes políticas por meio dessas plataformas. A análise busca situar o leitor sobre as mudanças nas práticas de engajamento político e nos discursos culturais na era digital. Embora um dos textos do corpus tenha sido publicado no Instagram, essa plataforma não desempenha função estruturante no conflito discursivo entre Swift e Trump, aparecendo apenas como ocorrência pontual.

4.1 O Twitter e sua consolidação como plataforma de microblogging

O Twitter foi idealizado por Jack Dorsey, Biz Stone, Noah Glass e Evan Williams e lançado em 2006. A plataforma trouxe a ideia do *microblogging* para o *mainstream*, com a proposta de que as pessoas compartilhassem ideias, pensamentos e informações de maneira rápida e concisa (CNN Brasil, 2022). Essa característica garantiu seu sucesso, marcado pelo acesso ágil e fácil à informação.

Com o tempo, a plataforma passou por atualizações que ampliaram suas possibilidades de uso, permitindo a publicação de fotos, vídeos e enquetes. Entre suas funções mais relevantes está o *retweet*, que possibilita que usuários compartilhem postagens de outras pessoas com seus seguidores. Essa ferramenta foi fundamental para ampliar a visibilidade e a circulação de conteúdos dentro da rede. A partir desse cenário, observa-se a crescente

¹ O Twitter é atualmente denominado X, mas por ser mais conhecido por seu nome de origem, optamos por utilizá-lo.

inserção das redes sociais no campo político, ampliando possibilidades de comunicação pública, mobilização e disputa discursiva.

4.2 O papel político do Twitter

Segundo a CNN Brasil (2022), ao longo dos anos o *Twitter* assumiu um papel importante na esfera política, sendo utilizado tanto por cidadãos quanto por líderes políticos. Ele se tornou um espaço para acesso rápido à informação, mobilização social e expressão de opiniões. Aos poucos, também passou a ser usado estrategicamente por políticos para divulgar propostas e construir suas imagens públicas.

Em 2015, o então CEO Jack Dorsey enfrentou forte pressão devido à forma como o presidente Donald Trump utilizava a plataforma para se comunicar diretamente com o público, muitas vezes de maneira polêmica e conflituosa. Essa relação atingiu seu ponto crítico em 8 de janeiro de 2021, quando o Twitter suspendeu permanentemente a conta de Trump após a revolta no Capitólio.

O caso ilustra como as redes sociais se tornaram ferramentas centrais na comunicação política contemporânea, influenciando estratégias de campanha, visibilidade e engajamento público. Entre essas plataformas, a Truth Social surge como um exemplo emblemático dessa nova fase da comunicação política digital (CNN Brasil, 2022).

4.3 O Truth Social e a continuidade do discurso político digital

Embora o presidente estadunidense Donald Trump tenha recuperado o direito de retornar ao Twitter após a compra da plataforma por Elon Musk em 2022, ele optou por priorizar o uso do *Truth Social*. A maioria dos usuários dessa rede é composta por apoiadores conservadores de Trump. O aplicativo pertence ao *Trump Media & Technology Group* (TMTG) e, em seu *design* e funcionalidade, inspira-se no *Twitter*, que era o principal canal de comunicação de Trump antes de sua suspensão em 2021 (Britannica, 2025).

Apesar de se apresentar como uma plataforma voltada à liberdade de expressão e à neutralidade ideológica, o *Truth Social* tem sido marcado pela exclusão de conteúdos divergentes e pela predominância de discursos alinhados ao conservadorismo e ao apoio a Donald Trump. Inspirada na dinâmica do *Twitter*, mas com linguagem própria (“verdades”, “reverdades”), a rede se consolidou como um espaço político de reafirmação identitária e

oposição às plataformas tradicionais, acusadas pelos usuários de censurar ideias conservadoras (Britannica, 2025).

4.4 Taylor Swift e a construção de uma voz política na cultura da visibilidade

Após consolidar sua carreira, Taylor Swift se tornou mais confiante em usar sua influência para se posicionar politicamente. Em 2018, ela veio a público revelar sua posição e reforçar seu engajamento político. Em uma postagem publicada em seu perfil no Instagram, Swift afirmou:

No passado, eu relutava em expressar publicamente minhas opiniões políticas, mas devido a vários eventos na minha vida e no mundo nos últimos dois anos, agora me sinto muito diferente sobre isso (SWIFT, 2018, *tradução nossa*).

Em uma entrevista ao *The Guardian* (2019), Taylor falou sobre política e explicou que seu silêncio na eleição de 2016 foi por estar passando por um momento difícil, pois sua mãe estava com câncer e ela estava envolvida em uma briga pública com Kim Kardashian e Kanye West². “Eu só estava tentando proteger minha saúde mental, não lia muito as notícias, ia votar, dizia às pessoas para votarem. Eu simplesmente sabia o que podia suportar e o que não podia. Eu estava literalmente prestes a quebrar” (Snapes, 2019, online, *tradução nossa*).

Ao ser perguntada sobre o presidente Trump, disse que “somos uma democracia, pelo menos, é o que se espera, onde é permitido discordar, debater. Eu realmente acho que ele considera isso uma autocracia” (Snapes, 2019, online, *tradução nossa*). Ela reafirma que se arrepende de não ter se posicionado na época, e que apoiaria Hillary Clinton sem dúvidas, prometendo “fazer tudo o que pudesse em 2020”.

A partir dessas declarações públicas, é possível observar uma mudança significativa na postura de Swift, que passa a utilizar suas redes sociais, especialmente o *Twitter*, como espaço de engajamento político e de diálogo direto com seus seguidores. Seus *tweets* se tornaram não apenas manifestações pessoais, mas também instrumentos de mobilização e de resistência simbólica diante do discurso político dominante.

5. Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com análise interpretativa do discurso fundamentada nos princípios da Análise Crítica do Discurso acerca da manifestação política

² O episódio envolvendo Kim Kardashian e Kanye West, amplamente repercutido em 2016, gerou intensa exposição negativa e contribuiu para que Swift se afastasse temporariamente da mídia.

da cantora Taylor Swift e das reações do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O estudo tem como objetivo compreender de que forma escolhas linguísticas específicas refletem e reforçam práticas sociais e ideológicas relacionadas ao machismo e ao sexismo, evidenciando como o discurso se constitui em um espaço privilegiado tanto para a disputa ideológica quanto para a manutenção de relações hegemônicas de poder.

A escolha da Análise Crítica do Discurso (ACD) justifica-se por sua ênfase na relação dialética entre linguagem e sociedade. Para Fairclough (2001), o discurso não apenas reflete a realidade social, mas também a constitui, sendo um meio por qual as ideologias são produzidas e naturalizadas. Assim, o método permite investigar como práticas linguísticas específicas participam da (re)produção de desigualdades de gênero e poder.

Segundo van Dijk (2008), a ACD também se orienta por uma perspectiva sociocognitiva, que busca compreender como o discurso contribui para a formação de representações mentais coletivas, os modelos sociais, responsáveis por sustentar estruturas ideológicas. Essa abordagem é particularmente produtiva para examinar discursos de figuras públicas, cujas enunciações circulam amplamente e moldam percepções sociais sobre feminilidade, autoridade e legitimidade política.

O *corpus* deste trabalho é composto por publicações feitas nas redes sociais X (*Twitter*), *Truth Social* e *Instagram*, atribuídas a Donald Trump e Taylor Swift, no período de 2020 a 2025. As postagens foram selecionadas com base em critérios de relevância e representatividade e analisadas considerando estratégias argumentativas, polarização e modos de construção de identidade e poder nas redes sociais. O recorte foi definido de modo a representar a manifestação política de Taylor Swift contra Donald Trump em 2020, mas as respostas do ex-presidente só ocorreram após sua segunda manifestação, em 2024, permitindo observar a dinâmica do diálogo e suas repercussões ideológicas.

A escolha das postagens se justifica pelo diálogo interdiscursivo estabelecido entre as duas figuras públicas, que evidencia disputas de poder, normas de gênero e práticas sociais na esfera digital. A decisão de Swift, de expressar publicamente sua posição política, gerou repercussões significativas, evidenciando como o discurso de celebridades pode se tornar um campo de disputa ideológica com políticos influentes, como Donald Trump. Esses efeitos são particularmente visíveis nas redes sociais, onde cada postagem funciona como um ponto de disputa ideológica, permitindo observar como escolhas linguísticas refletem relações de poder e normas de gênero.

As postagens selecionadas foram analisadas com base nos princípios da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2001), considerando o discurso como

prática social e examinando como as escolhas linguísticas refletem e reforçam relações de poder, ideologias e normas sociais. A análise foi conduzida em dois níveis interdependentes: no nível micro, voltado para aspectos linguísticos, como o uso de pronomes, advérbios, preposições, pontuação, figuras de linguagem, caixa alta e léxico avaliativo; e no nível macro, centrado nos efeitos discursivos e ideológicos, como a distribuição de poder, a legitimação de autoridades, a presença de estereótipos de gênero e a construção de identidades sociais.

Essa análise se orienta pelo modelo tridimensional de Fairclough (2001)³, discutido na seção teórica, o qual articula as dimensões textual, discursiva e social de maneira dialética. Assim, os resultados obtidos no nível micro são interpretados à luz das práticas discursivas e sociais mais amplas, permitindo compreender como determinados sentidos são produzidos, circulam e se tornam naturalizados no contexto das relações de poder. O modelo, portanto, oferece um arcabouço teórico-metodológico que possibilita transitar entre o texto e o contexto, evidenciando o papel do discurso na (re)produção e contestação de ideologias hegemônicas.

Em um segundo momento, os resultados da análise linguística serão interpretados à luz dos conceitos de ideologia e hegemonia conforme a perspectiva de Fairclough (2001), que entende o discurso como prática social capaz de naturalizar relações de poder. De modo complementar, recorre-se também a contribuições de Teun A. van Dijk (2008), especialmente no que diz respeito ao papel das representações mentais e dos modelos sociais na manutenção da dominação simbólica.

É importante destacar que os dois autores partem de tradições teóricas distintas: Fairclough fundamenta-se na relação dialética entre discurso e estrutura social, enquanto van Dijk (2008) enfatiza os processos cognitivos que mediam a compreensão e a reprodução de ideologias. Neste trabalho, a perspectiva faircloughiana permanece central, e as contribuições de van Dijk (2008) são mobilizadas apenas nos pontos em que ampliam a compreensão dos mecanismos cognitivos envolvidos na circulação de discursos de poder, sem substituir ou contrapor o referencial principal. Dessa forma, busca-se uma análise que articula práticas linguísticas, processos cognitivos e condições sociais mais amplas para compreender como os enunciados de Trump e Swift participam da construção e circulação de discursos hegemônicos e contra-hegemônicos relacionados ao gênero, à política e ao poder.

Em termos de procedimento, a análise seguirá um percurso que parte da descrição linguística detalhada dos *tweets* (nível micro), passa pela interpretação dos significados discursivos e culmina na discussão dos efeitos ideológicos e hegemônicos (nível macro). Esse

³ Não foi adentrado o campo de estudos da multimodalidade por questões de extensão do trabalho.

processo visa evidenciar como o discurso digital contribui para a (re)produção de valores e representações sociais. Assim, o percurso metodológico adotado permite compreender como as escolhas linguísticas, em interação com o contexto social, constroem discursos de poder, resistência e identidade de gênero nas redes sociais contemporâneas.

6. Análises

Antes de iniciar as análises das postagens, é importante retomar o recorte temporal adotado, que compreende o período de 2020 a 2025. Essa delimitação permite acompanhar a evolução do posicionamento político de Taylor Swift e as subsequentes reações de Donald Trump, observando como o embate discursivo entre ambos se transforma ao longo do tempo. O ano de 2020 marca a primeira manifestação pública da cantora contra o então presidente dos Estados Unidos, enquanto 2024 e 2025 correspondem ao momento em que Trump retoma o conflito discursivo, reagindo às declarações de Swift. Essa divisão temporal orienta a organização da análise, que será conduzida a partir dos principais enunciados publicados em cada período.

6.1 Análise do primeiro tweet de Taylor Swift (2020)

No contexto da Análise Crítica do Discurso (ACD), o processo de lexicalização revela como determinadas escolhas linguísticas refletem e reforçam posições ideológicas. Fairclough (2001) aponta que a linguagem não é neutra e está imersa em relações de poder e dominação. A partir dessa perspectiva, é possível compreender como, por meio de escolhas lexicais e estruturais, sujeitos constroem sentidos que expressam valores, crenças e posicionamentos sociais.

É nesse sentido que se analisa o primeiro tweet em que Taylor Swift se direciona diretamente a Donald Trump. Naquele período, os Estados Unidos viviam uma onda de protestos motivada pelo assassinato de George Floyd, um homem negro morto durante uma abordagem policial. O vídeo que registrou a violência do episódio causou grande comoção e desencadeou manifestações contra o racismo e a brutalidade policial em todo o país e no mundo (BBC News, 2020).

Figura 2 - Primeiro tweet (Taylor Swift)



Fonte: @taylorswift13. X, 2020 (online)

6.1.1 Nível micro - análise linguística

No tweet, Swift faz referência à postagem de Trump na qual ele afirmava: “When the looting starts, the shooting starts” (“Quando começa o saque, começa o tiroteio”). A frase é historicamente associada à repressão policial contra populações negras, funcionando como uma ameaça velada e uma forma de legitimação da violência estatal (CBS NEWS, 2020). Ao recuperar essa frase, a artista explicita não apenas a gravidade do discurso presidencial, mas também os impactos sociais que tais enunciados produzem, sobretudo em contextos marcados por tensões raciais. Assim, seu posicionamento reforça a crítica a práticas autoritárias e destaca a responsabilidade ética de figuras públicas em momentos de crise social.

No nível micro, observa-se que a cantora questiona essa postura ao empregar a forma interrogativa e ao incluir três pontos de interrogação, sinalizando incredulidade e indignação diante da ameaça implícita de violência. A expressão “*you have the nerve*” (“você tem a ousadia”) reforça o tom de reprovação e ironia, indicando o sentimento de ultraje diante da hipocrisia do presidente, que se dizia contrário à violência, mas legitimava práticas autoritárias. Em seguida, a frase “*to feign moral superiority before threatening violence*” (“fingir superioridade moral antes de ameaçar com violência”) constrói uma acusação direta, expondo a incoerência moral do discurso político de Trump.

Essas escolhas lexicais e sintáticas evidenciam o que Fairclough (2001) chama de dimensão textual do discurso, na qual o uso da linguagem materializa relações de poder e resistência. O vocabulário avaliativo e o tom interrogativo funcionam como estratégias discursivas que desafiam o discurso hegemônico e desestabilizam a autoridade simbólica do

presidente. Ao mesmo tempo, o uso de estruturas avaliativas reforça o caráter dialógico do discurso, conforme Bakhtin (*apud* Fairclough, 2001), já que a fala de Swift se constitui em resposta direta a um enunciado anterior, instaurando uma disputa por sentidos.

Além disso, a posição enunciativa de Swift, uma mulher artista confrontando publicamente uma figura política, evidencia o discurso como instrumento de resistência simbólica. Ao mobilizar sua visibilidade para contestar práticas e valores associados ao machismo e ao conservadorismo, Swift questiona a legitimidade de discursos institucionalizados. Nesse sentido, como observa Fairclough (2001), discursos de resistência participam ativamente da luta hegemônica ao desafiar sentidos naturalizados e disputar o controle sobre o que é considerado legítimo no espaço público.

6.1.2 Nível macro - prática discursiva e social

No nível macro, a postagem de Swift pode ser interpretada como um ato de resistência discursiva, em que a cantora se posiciona contra a normalização da violência estatal e do autoritarismo político. Ao questionar publicamente o então presidente dos Estados Unidos, Swift rompe com o silêncio frequentemente esperado de figuras femininas no entretenimento, reafirmando seu papel como agente social e político. Seu gesto discursivo, portanto, contribui para ampliar o debate público e reforçar a importância da participação cidadã, sobretudo em contextos de tensão democrática.

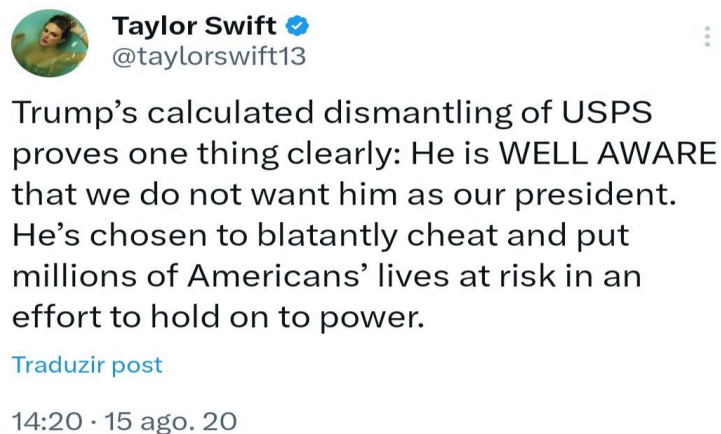
A crítica implícita ao racismo e à hipocrisia governamental reflete um discurso que se insere em práticas sociais mais amplas, marcadas por disputas ideológicas e de poder. Conforme aponta Fairclough (2001), o discurso não apenas representa o mundo, mas o (re)produz e transforma, contribuindo para sustentar ou desafiar hegemonias. Nesse caso, a escolha linguística de Swift atua como forma de contestação simbólica, evidenciando o papel do discurso como espaço de resistência e de construção de novas identidades políticas e de gênero.

Nesse sentido, a intervenção de Swift não se limita à crítica textual: ela participa do que Wodak (2005, *apud* Batista Jr Sato; Melo, 2018) chama de “luta por legitimidade discursiva”, ao reivindicar um lugar de fala politicamente ativo e ao representar um grupo social, mulheres e artistas, frequentemente silenciado na arena pública. Assim, a postagem atua como forma de contestação discursiva, ao questionar sentidos socialmente legitimados e ampliar o debate sobre gênero e poder no espaço público.

6.2 Análise do segundo tweet de Taylor Swift (2020)

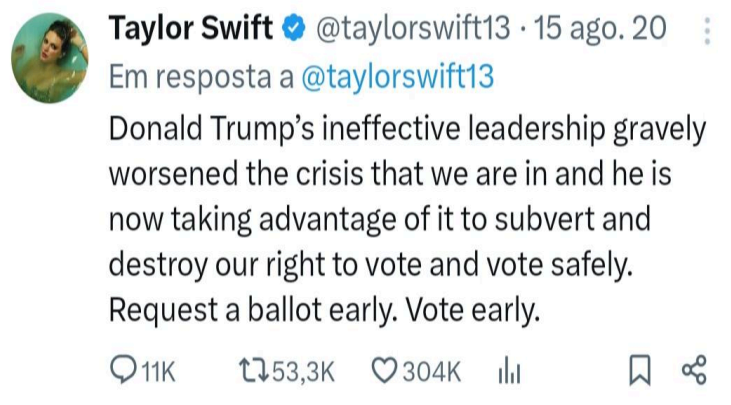
Em agosto de 2020, em meio às eleições presidenciais dos Estados Unidos, Donald Trump passou a ser acusado pela imprensa e por especialistas de interferir no funcionamento do Serviço Postal dos EUA (USPS), instituição responsável pelo envio de votos pelo correio, modalidade amplamente utilizada durante a pandemia de Covid-19. Reportagens da CNN Politics (2020) e do Washington Post (2020) apontam cortes de recursos, redução de horários e retirada de máquinas de triagem, o que poderia atrasar a entrega dos votos. Diante disso, Taylor Swift publicou um segundo tweet criticando Trump e afirmando que suas ações buscavam comprometer o processo eleitoral.

Figura 3 - Segundo tweet (Taylor Swift)



Fonte: @taylorswift13. X, 2020 (online)

Figura 4 - Terceiro tweet (Taylor Swift)



Fonte: @taylorswift13. X, 2020 (online)

6.2.1 Nível micro - análise linguística

Taylor Swift recorre novamente ao Twitter como espaço de posicionamento político, conclamando os eleitores a votarem com antecedência diante das mudanças implementadas no Serviço Postal dos Estados Unidos (USPS), como a redução do horário de funcionamento e a remoção das caixas de coleta de cartas (CNN Politics, 2020). Atribuindo essas alterações a Trump como uma tentativa de impedir que as pessoas votem, Swift inicia o tweet com o termo “calculated” (calculada), enfatizando que a ação não poderia ser fruto do acaso. Em letras maiúsculas, ela afirma que Trump está “well aware” (totalmente ciente) e escolheu “blatantly cheat” (trapacear descaradamente) em nome do poder, desconsiderando o impacto dessa decisão na vida de milhares de pessoas que dependem de uma liderança responsável.

A escolha dos verbos de ação intensa, “cheat” (trapacear), “destroy” (destruir) e “subvert” (minar), reforça a acusação de premeditação e manipulação, construindo um campo semântico de destruição e ameaça à democracia. Esses termos não apenas descrevem possíveis consequências, mas produzem um efeito retórico de urgência e perigo iminente, orientando o leitor a interpretar as ações do governo como uma força hostil e antidemocrática.

Nesse sentido, a lexicalização proposta por Swift evidencia o que Fairclough (2001) define como o caráter ideológico das escolhas linguísticas: o vocabulário selecionado contribui para construir significados avaliativos e para revelar posições sociais. Além disso, o uso de letras maiúsculas e de verbos de forte carga valorativa reforça o tom de denúncia, configurando um ato discursivo de resistência no qual a linguagem é mobilizada para desafiar relações de poder e questionar a legitimidade de práticas institucionais.

6.2.2 Nível macro - prática discursiva e social

No nível macro, a postagem de Taylor Swift revela um discurso de engajamento político e resistência, no qual a cantora se posiciona criticamente diante das ações do governo Trump. Ao empregar termos que reforçam a gravidade das acusações, Swift constrói uma narrativa que denuncia a manipulação política e o enfraquecimento da democracia.

O próprio Donald Trump afirmou, por vários meses, ser contra o voto pelo correio (USPS), alegando que os votos seriam fraudados: “Eles querem 3,5 bilhões de dólares para algo que vai se revelar fraudulento, que é basicamente dinheiro eleitoral”. Os votos por correio aumentaram significativamente, pois durante a pandemia de Covid-19 era o único

modo de milhares de pessoas votarem; nenhuma evidência de fraude nesses votos foi apresentada (Kaufman et al., 2020).

Em seguida, Taylor afirma que a crise que o país está vivendo é agravada pela “liderança ineficaz” (*ineffective leadership*) e que Trump está se aproveitando desse momento frágil para tirar o direito das pessoas e subverter a narrativa em nome de se manter no poder. Para finalizar, Taylor pede novamente, em frases curtas, para gerar mais impacto, que as pessoas votem mais cedo e reafirma, de maneira segura, o posicionamento de que é confiável votar pelo correio.

Ao afirmar ‘demonstra de forma clara um fato’ (*proves one thing clearly*), Swift adota um tom assertivo e racional, posicionando-se como alguém que fala com autoridade moral e consciência política, e ao mencionar que “milhares de vidas estadunidenses estão em risco” (*millions of Americans’ lives at risk*), desloca o foco da crítica individual para uma dimensão coletiva, apresentando-se como voz de defesa dos cidadãos e reforçando seu ethos de engajamento social.

O tweet reflete uma prática discursiva que se opõe à hegemonia política e ideológica representada por Trump, mobilizando sua voz pública como ferramenta de contestação. A crítica à sua liderança ineficaz e o incentivo ao voto antecipado reforçam o compromisso da artista com valores democráticos e com o direito à participação política. Dessa forma, a postagem transcende o âmbito individual e se insere em um contexto social mais amplo, em que discursos de resistência buscam desestabilizar estruturas de poder consolidadas.

Sob a perspectiva de Fairclough (2001), essa prática discursiva se configura como um movimento de resistência que busca desnaturalizar discursos hegemônicos e promover a mudança social. A linguagem, aqui, atua como instrumento de contestação simbólica, desafiando a hegemonia política representada por Trump e reafirmando o poder do discurso como meio de intervenção crítica na realidade social.

6.3 O silêncio estratégico e a retomada da disputa discursiva (2020–2024)

Embora as publicações de Taylor Swift em 2020 tenham recebido ampla repercussão, não houve uma resposta direta de Donald Trump às críticas feitas pela cantora naquele momento. O silêncio discursivo do presidente pode ser interpretado como uma estratégia de manutenção de poder, evitando conceder legitimidade à voz de uma mulher que o confrontava publicamente. Nesse sentido, conforme Fairclough (2001), o controle discursivo também se

manifesta pela omissão e pela tentativa de restringir o acesso à palavra, o que reforça a assimetria nas relações de poder.

Um diferencial em relação a 2016 é que, naquele ano, Trump já estava no poder, ao contrário de 2024, quando havia perdido a eleição anterior e voltava a concorrer à presidência. Ainda assim, o posicionamento de Swift permaneceu circulando e sendo reinterpretado em diferentes esferas discursivas, reforçando sua imagem como figura de resistência e engajamento político. De acordo com pesquisa conduzida pela Change Research (2024), a cantora exerceu papel relevante nas eleições anteriores, apoiando candidatos democratas no Tennessee em 2018 e o então candidato Joe Biden em 2020. O estudo, realizado com 1.534 eleitores registrados, confirma seu potencial de persuasão junto ao público jovem, evidenciando que o engajamento político de Swift não é um fenômeno isolado, mas parte de uma trajetória contínua de ativismo político e social.

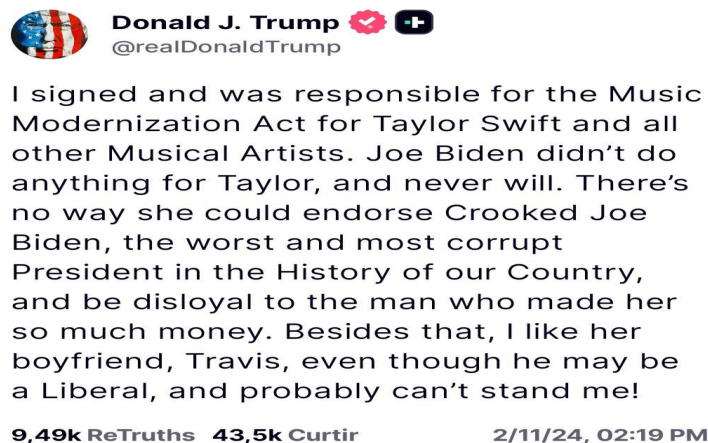
Apenas em 2024, após uma nova postagem de Trump, a artista voltou a se manifestar publicamente contra ele, desta vez, no Instagram. Nesse contexto, Trump se pronunciou de forma explícita sobre Swift, retomando o conflito discursivo iniciado anos antes. Essa resposta tardia evidencia a dimensão ideológica e simbólica da disputa, na qual ambos os sujeitos, Swift e Trump, mobilizam suas plataformas digitais como espaços de construção de identidade, influência e poder. Essa dinâmica exemplifica o que Fairclough (2001) define como luta hegemônica, o confronto entre discursos que buscam legitimar ou desestabilizar formas de poder estabelecidas.

Assim, a passagem de 2020 para 2024 marca a continuidade e a intensificação do embate discursivo, revelando como as redes sociais funcionam como arenas de disputa hegemônica entre o discurso político tradicional e o discurso de resistência cultural. A partir desse novo cenário discursivo, observa-se uma reconfiguração das estratégias retóricas e ideológicas empregadas por ambos, o que permite analisar como o conflito se intensifica e assume novas formas nas postagens de 2024.

6.4 O retorno da disputa: quando o silêncio se rompe em 2024

Depois de anos sem respostas diretas, Trump se dirigiu a Taylor Swift em um novo *tweet*, reacendendo a disputa ideológica entre ambos. A seguir, apresenta-se a publicação que marca a retomada do conflito discursivo:

Figura 5 – *Post de Trump sobre a Music Modernization Act*



Fonte: @realDonaldTrump / Truth Social, 2024 (online)

6.4.1 Nível micro - análise linguística

No *tweet*, Trump inicia o discurso com a frase “*I signed and was responsible for the Music Modernization Act for Taylor Swift and all other Musical Artists*”, utilizando a primeira pessoa do singular (“*I*”) para centralizar a ação e reforçar seu papel de protagonista e benfeitor. Essa estrutura auto celebratória é típica de seu estilo discursivo, marcado pela autorreferência e pela necessidade de autopromoção.

A escolha do verbo “*signed*” (assinei) e da expressão “*was responsible for*” (fui responsável por) intensifica o caráter de autoridade e propriedade, apresentando a si mesmo como o responsável direto por um benefício à artista, o que legitima sua cobrança posterior de lealdade. O termo “*disloyal*” (desleal) atribui à artista uma suposta dívida de gratidão por ter sido beneficiada por uma ação governamental. Essa escolha lexical carrega um tom patriarcal, no qual o homem é construído discursivamente como provedor e a mulher, como devedora de lealdade e reconhecimento. Tal estrutura simbólica reforça a ideia de que, se uma mulher alcança sucesso, isso ocorre porque um homem a ajudou ou lhe concedeu oportunidades.

No trecho “*There's no way she could endorse Crooked Joe Biden*”, o adjetivo “*crooked*” (corrupto/torto) opera como uma rotulação ideológica, criando uma oposição moral entre Trump (figura honesta e protetora) e Biden (figura corrupta e inimiga). Essa estratégia de nomeação avaliativa é recorrente no discurso político de Trump, funcionando como forma de simplificação e polarização dos adversários.

A modalização “*There's no way*” (de jeito nenhum) expressa certeza absoluta, eliminando qualquer possibilidade de dúvida e configurando um discurso de verdade

autoritária. Por fim, a referência a Travis Kelce, namorado de Swift, como “*a Liberal*” (um liberal) que “*probably can’t stand me*” (provavelmente não me suporta) acrescenta um tom de ironia e vitimização. Essa passagem serve para reforçar a divisão “*nós versus eles*”, situando o próprio enunciador como alvo de rejeição injusta, ao mesmo tempo em que tenta humanizar sua fala com humor e auto ironia, em consonância com o que Van Dijk (2008) descreve como a estratégia ideológica de polarização, por meio da qual grupos dominantes representam a si mesmos como legítimos ou vítimas enquanto constroem o outro como moralmente inferior ou hostil.

Essas escolhas linguísticas exemplificam o que Fairclough (2001) descreve como a dimensão ideológica da linguagem em que estruturas gramaticais e lexicais não apenas refletem, mas também produzem relações de poder. Nota-se, portanto, que o discurso de Trump está longe da neutralidade: cada escolha lexical carrega uma intenção avaliativa e estratégica que reforça seu posicionamento político e sua autoridade simbólica.

6.4.2 Nível macro - prática discursiva e social

O *tweet* revela uma tentativa de Trump de reconfigurar sua imagem pública e recuperar legitimidade diante do eleitorado, ao se apresentar como responsável por conquistas culturais e econômicas, neste caso, o *Music Modernization Act* (MMA). Ao reivindicar o mérito pela legislação que beneficiou artistas, ele busca transformar um ato administrativo em capital simbólico e político⁴, convertendo-o em argumento moral de fidelidade.

Essa tentativa também pode ser compreendida como uma estratégia de deslegitimação da cantora, uma vez que, embora o MMA tenha beneficiado toda a classe artística, Trump menciona apenas Swift de forma direta. Tal escolha evidencia seu esforço em personalizar o benefício e atribuir-lhe um caráter de favor individual, sustentando a narrativa de que a artista lhe deve gratidão e lealdade.

A advogada Dina LaPolt, uma das figuras centrais por trás da elaboração do MMA, rebateu a postagem de Trump afirmando que “Trump não fez nada em relação à nossa legislação, exceto assiná-la, e nem sequer sabe o que a Lei de Modernização da Música faz. Alguém deveria perguntar a ele o que o projeto de lei realmente realizou” (*LaPolt, apud Variety, 2024, tradução nossa*).

⁴ O capital simbólico, segundo Bourdieu (1983), refere-se ao prestígio, à reputação e ao reconhecimento social que conferem legitimidade a indivíduos ou grupos. Trata-se de um recurso intangível, porém decisivo para a manutenção de hierarquias e distinções sociais.

O *Music Modernization Act* reformula a forma como compositores e editoras musicais recebem os direitos autorais mecânicos, permitindo que os artistas sejam compensados de maneira mais justa, algo que, de fato, beneficia Swift, já que ela é compositora de todas as suas músicas. Contudo, esse pagamento justo constitui um direito garantido pelo Estado, e não um favor pessoal do governo, como Trump tenta sugerir em sua postagem. A legislação foi amplamente elogiada pela indústria fonográfica e, embora tenha sido sancionada por Trump, não foi elaborada por ele (Variety, 2024). Essa estratégia discursiva expressa o que Fairclough (2001) descreve como o uso ideológico da linguagem na manutenção da hegemonia: o sujeito enunciativo busca naturalizar a ideia de que sua liderança é indispensável e moralmente justa.

Ao mesmo tempo, o ataque a Biden como “*the worst and the most corrupt President in the History of our Country*” (o pior e mais corrupto presidente da história do nosso país) e a cobrança de lealdade dirigida a Swift — “*be disloyal to the man who made her so much money*” (ser desleal ao homem que lhe fez ganhar tanto dinheiro) — evidenciam relações de poder hierarquizadas, nas quais a mulher é posicionada como devedora e o homem, como figura de autoridade e provedor.

A escolha discursiva também evidencia uma dimensão de gênero: enquanto Swift é retratada como ingrata e dissimulada, o namorado da artista, Travis Kelce, apesar do tom irônico e da tentativa de vitimização, é tratado com mais respeito e simpatia “*I like her boyfriend, Travis, even though he may be a Liberal*” (Eu gosto do namorado dela, mesmo que ele possa ser um liberal).

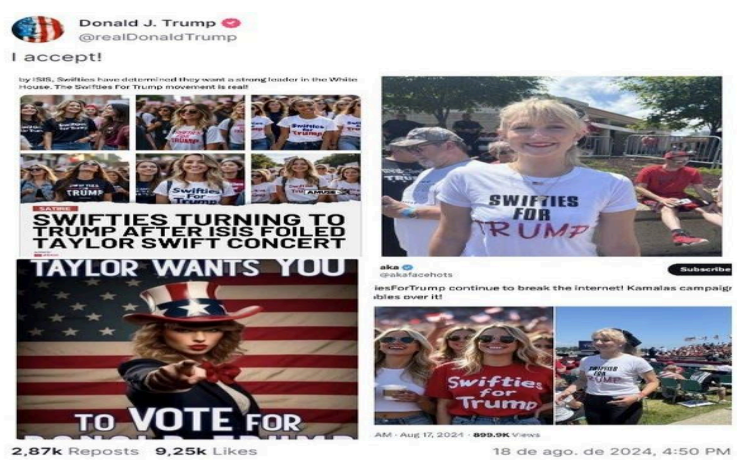
Esse contraste revela como ideologias de gênero são reproduzidas e legitimadas através do discurso, uma vez que, conforme Fairclough (2001), práticas discursivas não apenas refletem, mas também sustentam hierarquias sociais. Ao ignorar críticas anteriores feitas por Swift, Trump reconstrói a narrativa a partir de uma posição de autoridade, apagando discursos que o desafiam e reafirmando seu poder simbólico. Dessa forma, a postagem evidencia como o discurso se torna instrumento de consolidação hegemônica e de manutenção de desigualdades estruturais.

Assim, o *tweet* articula elementos de autopromoção, moralização e controle simbólico, funcionando como uma prática discursiva que tenta reafirmar valores patriarcais e personalistas no espaço político, ao mesmo tempo em que mobiliza o conflito com Swift como recurso de visibilidade e polarização ideológica.

6.5 A instrumentalização da imagem de Swift no discurso político

Em agosto de 2024, Donald Trump repostou, em sua conta na plataforma *Truth Social*, uma montagem composta por imagens produzidas por inteligência artificial que mostravam supostas fãs de Taylor Swift usando camisetas com a frase “*Swifties for Trump*”, além de uma representação da própria cantora estilizada como o personagem “Tio Sam⁵”, diante da bandeira dos Estados Unidos.

Figura 6 – Imagem manipulada por IA compartilhada por parte de Trump



Fonte: @realDonaldTrump / Truth Social, 2024 (online)

Na publicação, Trump acrescentou a frase “*I accept!*” (Eu aceito), sinalizando sua aprovação do conteúdo. Embora claramente ficcional, a repostagem buscava sugerir um apoio massivo de fãs da artista à sua candidatura, o que levou Swift a publicar, algumas semanas depois, uma resposta em seu Instagram.

A ação de Trump pode ser compreendida como uma tentativa de reapropriar simbolicamente a imagem de Swift e de seu público, evidenciando o caráter estratégico das disputas discursivas no ambiente digital. Conforme Fairclough (2001), o discurso constitui um espaço de luta hegemônica, no qual diferentes sujeitos competem pela definição de sentidos e pela legitimação de determinadas posições sociais.

Nesse caso, Trump busca reinscrever a imagem de Swift dentro de sua narrativa política, enquanto a cantora, ao responder, disputa o controle da narrativa, transformando a linguagem em ferramenta de enfrentamento simbólico, conforme a noção de Van Dijk (2008)

⁵ “Tio Sam” é uma figura alegórica que representa os Estados Unidos, frequentemente utilizada em propagandas e discursos políticos como símbolo do governo norte-americano.

de que o discurso é um meio de ação social e de influência ideológica. A resposta da artista, publicada semanas depois no Instagram, rompe o silêncio e reposiciona sua voz dentro desse embate, transformando o ataque em oportunidade de resistência.

6.6 A reapropriação discursiva da imagem: o posicionamento de Taylor Swift no Instagram

Antes de analisar a postagem, é importante contextualizar que a declaração política de Taylor Swift, publicada no Instagram em 2024, marcou sua segunda manifestação explícita contra Donald Trump e ocorreu em meio a um ambiente altamente polarizado nas eleições norte-americanas. A publicação foi uma resposta direta à circulação de conteúdos manipulados por inteligência artificial que atribuíam falsamente apoio da cantora ao então candidato republicano. Ao tornar público seu posicionamento, Swift não apenas corrige a desinformação, mas também ocupa ativamente o espaço discursivo digital, confrontando narrativas hegemônicas, disputando sentidos e reivindicando autoridade sobre sua própria imagem e atuação política.

Figura 7 – Declaração política de Taylor Swift no Instagram

taylorswift 🗳️ Like many of you, I watched the debate tonight. If you haven't already, now is a great time to do your research on the issues at hand and the stances these candidates take on the topics that matter to you the most. As a voter, I make sure to watch and read everything I can about their proposed policies and plans for this country.

Recently I was made aware that AI of 'me' falsely endorsing Donald Trump's presidential run was posted to his site. It really conjured up my fears around AI, and the dangers of spreading misinformation. It brought me to the conclusion that I need to be very transparent about my actual plans for this election as a voter. The simplest way to combat misinformation is with the truth.

I will be casting my vote for Kamala Harris and Tim Walz in the 2024 Presidential Election. I'm voting for [@kamalaharris](#) because she fights for the rights and causes I believe need a warrior to champion them. I think she is a steady-handed, gifted leader and I believe we can accomplish so much more in this country if we are led by calm and not chaos. I was so heartened and impressed by her selection of running mate [@timwalz](#), who has been standing up for LGBTQ+ rights, IVF, and a woman's right to her own body for decades.

I've done my research, and I've made my choice. Your research is all yours to do, and the choice is yours to make. I also want to say, especially to first time voters: Remember that in order to vote, you have to be registered! I also find it's much easier to vote early. I'll link where to register and find early voting dates and info in my story.

With love and hope,

Taylor Swift
Childless Cat Lady

Fonte: [@taylorswift](#). Instagram, 2024 (online)

6.6.1 Nível micro - análise linguística

A postagem de Taylor Swift apresenta uma série de escolhas linguísticas que constroem proximidade, credibilidade e autoridade moral. Logo na abertura, ao utilizar a expressão “*Like many of you*” (Como muitos de vocês), a cantora cria identificação com o público, posicionando-se não como celebridade distante, mas como uma cidadã comum que acompanha o processo eleitoral. Essa ação dialoga com o que Fairclough (2001) define como o papel do discurso na construção de identidades e relações sociais, em que o sujeito molda sua posição no campo social por meio de escolhas linguísticas.

Esse movimento é reforçado por verbos modais e expressões que orientam o comportamento do leitor, como “*now is a great time to do your research*” (agora é um ótimo momento para você se informar) e “*you have to be registered*” (é preciso estar registrada (o) para votar), que combinam expressões de opinião e autoafirmação para persuadir sem impor. Nessa perspectiva, o discurso funciona, como afirma Fairclough (2001), como prática social capaz de influenciar ações e crenças, naturalizando determinadas posições ideológicas.

A repetição estratégica do pronome “*I*” (eu) ao longo do texto, “*I make sure... I was made aware... I will be casting my vote... I’ve done my research*” (eu me certifico... fui informada... votarei... fiz minha pesquisa), funciona como recurso de responsabilização enunciativa: Swift apresenta sua decisão política como resultado de investigação própria, evitando um tom de coerção e reforçando que sua orientação se baseia em experiência pessoal. Essa estratégia reflete o que Van Dijk (2016, *apud* Vieira & Macedo, 2018) descreve como um processo de construção de credibilidade, no qual o enunciador busca influenciar a formação de opiniões e representações mentais do público por meio do discurso.

Além disso, a postagem mobiliza um campo semântico ancorado na oposição entre verdade e desinformação, acionando termos como “*falsely endorsing*” (endossando falsamente), “*misinformation*” (desinformação), “*very transparent*” (muito transparente) e “*truth*” (verdade). Essas escolhas lexicais constroem um contraste direto entre a ação enganosa atribuída a Trump e o compromisso ético reivindicado por Swift. Há também forte presença de avaliativos positivos e negativos, “*steady-handed, gifted leader*” (líder firme e talentoso), “*led by calm and not chaos*” (guiados pela calma, não pelo caos), que operam como julgamentos morais e políticos dos candidatos envolvidos. Tal contraste indica, conforme Fairclough (2001), a dimensão ideológica da linguagem, que participa da luta hegemônica ao representar certas práticas como legítimas e outras como desviantes.

A estrutura retórica da postagem é igualmente relevante: Swift organiza seu texto em movimentos argumentativos que vão da identificação com o leitor à denúncia da manipulação por IA, passando por sua declaração explícita de voto e culminando em instruções práticas aos eleitores. No encerramento, ao assinar como “*Childless Cat Lady*”⁶, a cantora ressignifica ironicamente um insulto frequentemente usado contra mulheres, convertendo a expressão em gesto de autoafirmação discursiva. Essa ressignificação exemplifica o potencial transformador do discurso destacado por Fairclough (2001), em que a linguagem atua como instrumento de resistência simbólica e de reconstrução identitária.

6.6.2 Nível macro - prática discursiva e social

Ao responder Trump, Taylor Swift se insere em um contexto particularmente sensível para si mesma e para sua base de fãs. Naquele período, a cantora estava em turnê com a The Eras Tour, e o episódio ocorreu logo após o cancelamento de dois shows em Viena (Áustria), quando autoridades locais prenderam indivíduos que planejavam um ataque terrorista. Em sua comunicação oficial sobre o cancelamento, Swift agradeceu às autoridades e destacou que, graças à intervenção policial, “estávamos de luto por shows, e não por vidas” (LUKIV, 2024, *tradução nossa*).

De acordo com Fairclough (2001), as práticas discursivas só podem ser plenamente compreendidas quando situadas em seus contextos sociais e históricos, pois é nelas que se constroem e se disputam significados. Nesse cenário, uma das legendas das imagens geradas por IA divulgadas por Trump afirma: “*Swifties turning to Trump after ISIS⁷ foiled Taylor Swift concert*” (Swifties passando a apoiar Trump após o ISIS impedir um show da Taylor Swift, *tradução nossa*), articulando-se diretamente com discursos políticos contemporâneos marcados pela circulação de desinformação, pelo uso de inteligência artificial em campanhas eleitorais e por estratégias discursivas de mobilização eleitoral e incentivo ao voto em sua candidatura, além da recorrente promessa de “tornar os Estados Unidos e o mundo seguros novamente”, aqui entendida como associada a narrativas de segurança nacional na retórica de campanha (ROBINS-EARLY, 2024). Essa tentativa de vincular a figura de Swift à sua agenda política constitui o que Fairclough (2001) denomina disputa hegemônica, na qual o discurso busca legitimar determinadas ideologias e naturalizar relações de poder.

⁶ “*Childless Cat Lady*” (em tradução livre, “mulher sem filhos que tem gatos”) é uma expressão de caráter pejorativo utilizada no contexto político e cultural estadunidense para estereotipar mulheres sem filhos, mobilizando discursos ligados a gênero, expectativas sociais e valores familiares tradicionais.

⁷ ISIS: sigla em inglês para Islamic State of Iraq and Syria (Estado Islâmico), grupo extremista jihadista.

A montagem, portanto, tenta construir uma narrativa de alinhamento espontâneo entre o *fandom* de Swift e a figura política de Trump, apesar de a cantora ter se posicionado publicamente contra ele em diferentes ocasiões e de ter declarado apoio ao seu adversário nas eleições anteriores. Como observa van Dijk (2016, *apud* Vieira & Macedo, 2018), o poder discursivo envolve o controle das representações sociais, ao reconfigurar a imagem de Swift e de seus fãs, Trump busca dominar a narrativa e moldar percepções coletivas.

Swift já havia indicado, ao comentar o episódio de Viena, que evitaria se pronunciar de modo precipitado em situações delicadas, afirmando que, em momentos assim, o “silêncio” pode ser uma forma de contenção estratégica, a fim de evitar que suas palavras se tornem objeto de manipulação ou prejudiquem seus fãs (SWIFT, 2024). Fairclough (2001) destaca que o silêncio também constitui uma prática discursiva, podendo operar como estratégia de resistência e reposicionamento frente a estruturas de poder.

Esse argumento ajuda a compreender por que sua resposta ao conteúdo compartilhado por Trump ocorreu apenas semanas depois, já em setembro de 2024, após o debate presidencial em que Kamala Harris teve desempenho amplamente favorável. Ao escolher esse momento específico, Swift não apenas desmentiu o uso indevido de sua imagem em montagens produzidas por IA, mas também aproveitou a conjuntura discursiva para reafirmar seu posicionamento político sem amplificar o conteúdo enganoso. Segundo Wodak (2005, *apud* Batista Jr Sato; Melo, 2018), os discursos políticos e midiáticos são práticas historicamente situadas que se reconfiguram conforme o contexto social, permitindo que sujeitos reajam estrategicamente para reconstruir credibilidade e autoridade discursiva.

Além disso, a artista já havia manifestado publicamente apoio a pautas sociais e políticas progressistas, como a defesa dos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQ+. Em entrevista à revista Maxim (Roy, 2015, *tradução nossa*), Swift declarou que “o feminismo é provavelmente o movimento mais importante que alguém pode abraçar, porque é, basicamente, outra palavra para igualdade” (online). Em 2022, a cantora criticou, no Twitter, a decisão da Suprema Corte de reverter o caso Roe v. Wade, afirmando estar “absolutamente apavorada com a situação atual, que, depois de tantas décadas de luta pelos direitos das mulheres aos próprios corpos, a decisão de hoje nos privou disso” (Dailey, 2022, online, *tradução nossa*).

Essa coerência discursiva ilustra o que Fairclough (2001) chama de formação discursiva, isto é, o conjunto de valores e crenças que orientam práticas comunicativas e garantem continuidade ideológica ao discurso de um sujeito. O que reforça que o apoio de Swift à candidatura de Kamala Harris em 2024 não se trata de uma estratégia de *marketing*,

mas da continuidade de um posicionamento político e ideológico consistente ao longo dos anos. Segundo a Fortune (Berger, 2024), o endosso de Swift mobilizou mais de 400 mil novos acessos ao site oficial de registro de eleitores (vote.gov) em apenas 24 horas, demonstrando a força de sua influência política e social.

Por fim, a assinatura “*Childless Cat Lady*” ao término da publicação funciona como um ato discursivo de reapropriação irônica. A expressão faz referência a um comentário do então candidato à vice-presidência, JD Vance, que, em entrevista à Fox News em 2021, afirmou que “um bando de mulheres sem filhos, com gatos, são infelizes com suas vidas e querem tornar o resto do país infeliz também”, acrescentando que o futuro dos democratas estaria “nas mãos de pessoas sem filhos” (Treisman, 2024, online, *tradução nossa*).

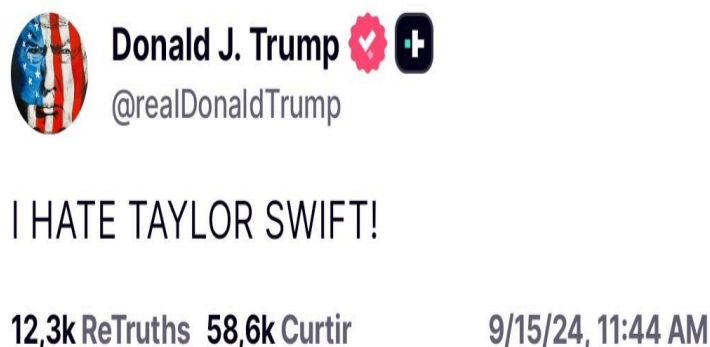
Essa reapropriação linguística representa, conforme Fairclough (2001), uma prática contra-hegemônica, um movimento de inversão simbólica que desafia valores dominantes e transforma insultos em marcadores de resistência identitária. Ao incorporar o termo como parte de sua própria identidade, Swift inverte o sentido pejorativo de “*Childless Cat Lady*”, convertendo-o em símbolo de orgulho e autonomia feminina.

Dessa forma, sua publicação de 2024 reafirma não apenas um posicionamento político, mas também ideológico e identitário, consolidando Taylor Swift como uma voz ativa na disputa simbólica entre conservadorismo e progressismo nas redes sociais contemporâneas. Esse embate discursivo exemplifica, segundo Fairclough (2001), a luta hegemônica entre discursos de poder e resistência, em que o uso estratégico da linguagem atua como instrumento de transformação social.

6.7 O ódio como estratégia discursiva de controle simbólico

Fairclough (2001) destaca que a linguagem não é neutra, mas atravessada por relações de poder, disputas ideológicas e formas de dominação simbólica. A partir dessa perspectiva, é possível compreender as postagens recentes de Donald Trump sobre a cantora Taylor Swift como um exemplo concreto de como o discurso pode funcionar como instrumento de controle e influência social. Ao recorrer a expressões que mobilizam a emoção do ódio, o presidente reafirma posicionamentos políticos e tenta reconstruir hegemonias que percebe como ameaçadas, especialmente diante da crescente visibilidade e influência pública da artista. Confira abaixo:

Figura 8 – Ataque de Trump a Taylor Swift



Fonte: @realDonaldTrump / Truth Social, 2024 (online)

6.7.1 Nível micro - análise linguística

Em uma das postagens, o ex-presidente afirma categoricamente: “*I HATE TAYLOR SWIFT!*”, utilizando o verbo “*hate*” (odiar), de forte carga afetiva e avaliativa negativa. O uso de letras maiúsculas intensifica a força ilocutória do enunciado, transformando a frase em um ato de ataque e intimidação simbólica. O pronome “*I*” (eu), em posição inicial e isolada, reforça o caráter autorreferencial e autoritário do discurso, centrando a enunciação na figura do líder e apagando outras vozes discursivas.

Ao empregar um verbo de ódio de forma absoluta, sem justificativa argumentativa, Trump rompe com a lógica deliberativa do debate político e instaura um discurso emocional e performativo, em que o afeto negativo substitui a razão. A ausência de modalizadores e de construções atenuadoras (“*maybe*”, “*I think*”, “*it seems*”) intensifica a rigidez e autoritarismo, marcando uma posição discursiva intolerante e excludente. Essas escolhas, como aponta Fairclough (2001), não são neutras: elas materializam relações de poder e funcionam como estratégias de posicionamento ideológico, nas quais o sujeito discursivo busca controlar o sentido e afirmar sua autoridade simbólica.

6.7.2 Nível macro - prática discursiva e social

O enunciado de Trump deve ser compreendido como parte de uma estratégia de manutenção hegemônica (Fairclough, 2001), em que o ataque direto a uma figura feminina progressista reforça valores conservadores e hierarquias de poder de gênero. O discurso de

ódio, nesse contexto, atua como instrumento simbólico de controle social, buscando silenciar vozes dissidentes e punir publicamente o engajamento político de mulheres no espaço público.

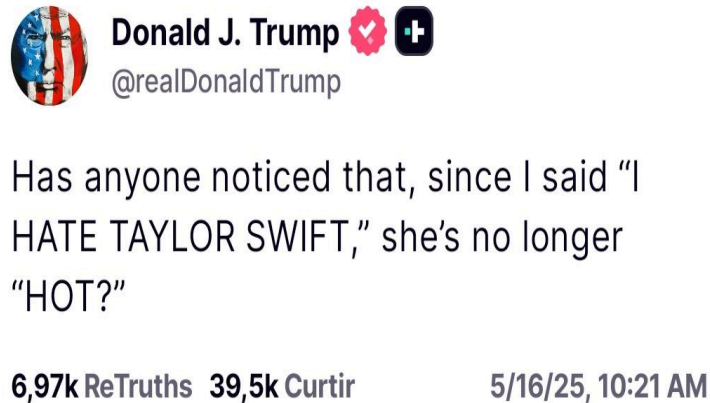
Práticas discursivas desse tipo participam da reprodução ideológica do poder ao mobilizar emoções coletivas, transformando opositores em inimigos morais. Assim, ao declarar “odiar” Taylor Swift, Trump não apenas expressa antagonismo individual, mas ativa um enquadramento discursivo coletivo, no qual Swift representa o feminismo, a cultura pop e as pessoas que a acompanham, enquanto Trump encarna a autoridade masculina e o conservadorismo. A postagem, portanto, evidencia como o discurso político pode se articular ao entretenimento para reforçar divisões sociais e identitárias, transformando o espaço digital em arena de disputa simbólica e ideológica.

Esse tipo de disputa discursiva gera efeitos concretos na esfera social. Após as declarações de Trump, fãs da cantora se mobilizaram em defesa dela e de sua posição política. O grupo “*Swifties for Kamala*” arrecadou mais de US\$40.000 em um dia e ultrapassou US\$200.000 em menos de dois meses (AFP, 2024). Além disso, o engajamento promovido por Swift em campanhas eleitorais anteriores mobilizou milhares de jovens eleitores, segundo Berger (2024), em reportagem da Fortune, 79% dos mais de um milhão de novos registros de eleitores em 2024 eram de pessoas com menos de 35 anos público que artista se conecta majoritariamente.

Desse modo, o discurso de Trump não se limita a uma expressão de antipatia pessoal, mas opera como mecanismo de reafirmação ideológica e de disputa de hegemonia no espaço digital. Ao mesmo tempo, a reação dos fãs e o engajamento político decorrente demonstram que os efeitos do discurso não são unilaterais: o poder simbólico pode ser contestado e ressignificado, revelando o potencial transformador da linguagem nas dinâmicas contemporâneas de resistência e poder.

Dando continuidade à tentativa de enfraquecer simbolicamente a cantora, Trump publicou outro ataque, agora sugerindo que Swift “não é mais *hot*”, ampliando sua estratégia de deslegitimação e incorporando elementos de sexismo explícito à disputa discursiva.

Figura 9 – Post depreciativo de Trump sobre Swift



Fonte: @realDonaldTrump / Truth Social, 2025 (online)

6.7.3 Nível micro - análise linguística

No tweet, Trump inicia com “*Has anyone noticed that...?*” (Alguém notou que...?), construindo um efeito de evidência compartilhada, como se sua avaliação fosse objetiva e reconhecida por todos. Ao afirmar que, “desde que” declarou “*I HATE TAYLOR SWIFT*”, a artista não é mais popular (*no longer “HOT”*), ele pressupõe que sua desaprovação teria poder suficiente para redefinir o valor social de Swift. A escolha da expressão “*no longer*” sugere uma perda causada diretamente por seu enunciado, reforçando a imagem de que Trump detém autoridade sobre a relevância pública de outras figuras.

Além disso, “*HOT*” opera como trocadilho que combina “popular” e “atraente”, deslocando o ataque para uma dimensão de sexualização e deslegitimação de gênero, mecanismo comum na desqualificação de mulheres na esfera pública. A repetição em letras maiúsculas de “*I HATE TAYLOR SWIFT*” reforça a performatividade da agressão e a tentativa de estabilizar seu posicionamento hostil como verdade incontestável.

Essa dinâmica evidencia aquilo que van Dijk (2016, *apud* Vieira e Macedo, 2018) descreve como a relação entre discurso e controle social: ao moldar percepções, o discurso orienta ações, e por isso se torna um instrumento central para a manutenção do poder. O *tweet* de Trump opera exatamente nesse sentido: ao tentar reconfigurar a imagem pública de Swift, ele busca controlar cognitivamente a forma como seu público percebe a artista, transformando hostilidade pessoal em narrativa hegemônica.

6.7.4 Nível macro - prática discursiva e social

A postagem “*Has anyone noticed that, since I said ‘I HATE TAYLOR SWIFT,’ she’s no longer ‘HOT?’*” opera como um movimento discursivo estratégico que busca redefinir publicamente a imagem da cantora após seu posicionamento político contrário a Trump. Além da desqualificação política, o enunciado também mobiliza um componente claramente marcado pelo sexismo, pois associa o valor social da artista à sua aparência física e ao status de desejabilidade. A ambiguidade do termo *hot*, que pode significar tanto “popular” quanto “atraente”, permite que Trump, simultaneamente, ataque sua relevância pública e rebaixe sua identidade de gênero, reforçando a ideia de que mulheres têm seu valor condicionado ao olhar masculino.

Esse movimento discursivo contrasta com declarações anteriores do próprio Trump, registradas por Ramin Setoodeh no livro *Apprentice in Wonderland* (Setoodeh, 2024), conforme citado em matéria da Billboard (Dailey, 2025), nas quais o político a descreve como “muito bonita” e “excepcionalmente bonita”. A mudança abrupta de avaliação ocorre justamente após Swift declarar apoio a Kamala Harris nas eleições de 2024, o que revela que aparência e valor simbólico são mobilizados por Trump como instrumentos de recompensa e punição simbólica, conforme a conveniência política do momento.

Do ponto de vista ideológico, o enunciado busca restaurar relações de poder abaladas. Ao afirmar que Swift “não é mais *hot* desde que ele disse que a odeia”, Trump insinua possuir capacidade de definir a relevância cultural de figuras públicas, articulando uma forma de autoridade simbólica e buscando naturalizar seu discurso como forma de controlar comportamentos coletivos.

Ao redefinir Swift como irrelevante ou decaída, ele tenta direcionar a percepção de seus seguidores, reforçando o enquadramento ideológico que opõe “nós” (os leais) a “eles” (os inimigos liberais). Além disso, o uso reiterado de “*I HATE TAYLOR SWIFT*” em letras maiúsculas reforça a estratégia de polarização emocional, típica de discursos populistas, nos quais a intensidade afetiva funciona como ferramenta de persuasão.

O ataque à aparência, algo comum na desqualificação de mulheres na política, opera como um mecanismo adicional de silenciamento: ao deslocar o debate para o corpo da artista, retira-se a legitimidade de seu posicionamento político. Esse tipo de ataque à aparência integra um padrão mais amplo de desqualificação de mulheres no espaço público. Uma pesquisa nacional da Fundação Getúlio Vargas (2024) mostra que 58,61% dos ataques direcionados a mulheres em posições de liderança envolvem estratégias de descredibilização,

frequentemente baseadas em estereótipos de gênero que questionam sua capacidade ou tentam reduzir seu valor ao corpo e à aparência.

Assim, o enunciado funciona como uma prática discursiva que tenta recuperar poder simbólico, desestabilizar a imagem pública de Swift e alinhar sua audiência a uma leitura depreciativa da cantora, articulando misoginia, controle discursivo e polarização partidária.

A lógica discursiva adotada por Trump não se encerra nesse ataque direto a Swift. Na publicação seguinte, ele retoma e intensifica os mesmos mecanismos de polarização, agora articulando comparações, empresas e outras figuras públicas para reforçar seu enquadramento ideológico.

Figura 10 - Post de Donald Trump sobre o discurso “woke”



Fonte: @realDonaldTrump / Truth Social, 2025 (online)

6.7.5 Nível micro - análise linguística

Na postagem, Trump dá continuidade à disputa discursiva mobilizando novamente a estratégia de oposição entre grupos (“nós” vs. “eles”). Ele retoma o adjetivo hot, agora em sua forma superlativa (“*hottest*”), ao se referir à atriz Sydney Sweeney, produzindo novamente a ambiguidade entre “mais popular” e “mais atraente”. Ao situá-la como “*HOTTEST out there*”, enquadra-a discursivamente em um lugar de destaque público, ao mesmo tempo em que estabelece um contraste implícito com Swift, que ele havia declarado “no longer hot”. Esse paralelismo discursivo, enaltecer Sweeney enquanto rebaixa Swift, reforça a lógica sexista de que o valor das mulheres no debate público está condicionado à sua aparência ou ao grau de aprovação masculina.

Em seguida, Trump articula uma comparação entre as duas entre as duas marcas. Ao elogiar a *American Eagle*, associada a Sweeney, ele imediatamente contrapõe a *Jaguar*⁸, cuja propaganda considera “*woke*” (progressista ‘exagerado’) e “*stupid*” (estúpido). Para intensificar essa oposição, emprega termos altamente avaliativos e dramáticos, como “*total disaster*” (desastre total), “*disgraceful*” (vergonhoso), “*absolute turmoil*” (caos absoluto), “*destruction*” (destruição) e “*billions of dollars so foolishly lost*” (bilhões de dólares perdidos de forma tão imprudente). Tais escolhas lexicais reforçam o enquadramento moral do discurso, construindo empresas alinhadas a valores conservadores como “bem-sucedidas” e aquelas consideradas progressistas como “fracassadas”.

A repetição insistente do termo *woke*, sempre com conotação negativa, constitui outro recurso de ênfase. Ao mencionar a *Bud Lite*, Trump utiliza o enunciado “*shouldn’t they have learned a lesson?*” (eles não deveriam ter aprendido a lição?), o que implica ameaça simbólica e reforça o argumento de que adotar posicionamentos progressistas resulta em punição econômica e perda de legitimidade.

Na última comparação, ele retoma Swift como “*woke singer*”, intensificando o ataque anterior. O uso de palavras em letras maiúsculas, *HATE*, *NO LONGER HOT*, *TRUTH*, reforça um tom de autoridade e verdade absoluta, típico de discursos populistas em plataformas digitais. Ao afirmar que alertou o “mundo” sobre quem Swift realmente seria, Trump atribui a si mesmo a função de revelador da verdade, sugerindo que sua desaprovação determina o valor cultural da artista.

O trecho final, “*Being WOKE is for losers, being Republican is what you want to be. Thank you for your attention to this matter!*” (Ser *woke* é coisa de perdedores; o que você deve querer ser é republicano. Obrigado pela atenção a este assunto!), sintetiza esse movimento discursivo. A frase apresenta uma conclusão prescritiva, que tenta orientar o comportamento do público, reforçando a oposição ideológica entre progressistas (“*losers*”) e conservadores (“*winners*”). Ao agradecer pela “atenção a este assunto”, ele não apenas hierarquiza o tema, mas também sugere que sua visão é central e deve ser considerada como referência normativa.

Esses movimentos discursivos representam a tentativa de naturalizar hierarquias políticas e morais, processo que, segundo Fairclough (2001), constitui uma forma de manter a hegemonia por meio da linguagem. Ao formular juízos sobre pessoas, marcas e posições

⁸ Jaguar, fabricante britânica de automóveis de luxo, e Bud Light, marca americana de cerveja, são mobilizadas no discurso de Donald Trump como símbolos ideológicos, representando, respectivamente, empresas “progressistas” sujeitas a críticas e experiências de boicote.

políticas como se fossem fatos óbvios, o enunciador transforma opiniões particulares em verdades socialmente compartilhadas. Esse mecanismo opera de modo sutil: ao se repetir e circular amplamente nas redes, tais formulações passam a organizar a maneira como certos grupos compreendem o mundo, contribuindo para legitimar desigualdades, reforçar antagonismos e delimitar quais posições são consideradas aceitáveis dentro do espaço público.

6.7.6 Nível macro - prática discursiva e social

A polêmica em torno do comercial da *American Eagle* com Sydney Sweeney tornou-se um ponto estratégico na disputa cultural norte-americana, e é justamente essa controvérsia que Trump mobiliza em sua postagem. Ao retomar a tradição das campanhas de jeans, historicamente marcadas pela sexualização do corpo feminino e por jogos linguísticos, Trump aciona elementos sensíveis à audiência conservadora. Essa estratégia remete diretamente ao anúncio da *Calvin Klein* de 1980 com Brooke Shields, então com 15 anos, no qual a atriz dizia: “*You want to know what comes between me and my Calvins? Nothing*” (Você quer saber o que fica entre mim e a minha Calvin Klein? Nada, *tradução nossa*). A campanha foi amplamente criticada pela conotação sexual e pelo trocadilho entre jeans e genes, reforçado pelo enunciado: “*Genes are the blueprint of who we are and pass on from generation to generation*” (“Os genes são o projeto do que somos e são transmitidos de geração em geração”, *tradução nossa*) (Gajewski, 2025).

Essa referência discursiva voltou ao centro do debate quando a *American Eagle* lançou, em 2024, a campanha “*Sydney Sweeney Has Great Jeans*”, em que a atriz afirma: “*Genes are passed down from parents to their children... my jeans are blue*” (“Os genes são transmitidos dos pais para os filhos... já meus jeans são azuis”, *tradução nossa*). Em inglês, jeans e genes são homófonas, o que reativa o trocadilho histórico. Contudo, a campanha foi recebida com controvérsias, com interpretações que a associaram à eugenia, a teoria pseudocientífica ligada ao projeto racial da Alemanha nazista, que defendia o aprimoramento humano por meio da reprodução seletiva (Estevão et al., 2025).

Ao elogiar Sweeney por protagonizar um anúncio “não *woke*”, Trump transforma a atriz em um contraponto simbólico a Taylor Swift. No discurso do ex-presidente, Sweeney é construída como um modelo de feminilidade conservadora desejável, “*HOTTEST*”, popular, atraente e politicamente alinhada. Swift, ao contrário, aparece como “*woke singer*”, “*no longer hot*” e supostamente rejeitada pelo público. Assim, a postagem não trata apenas de

publicidade, mas de um mecanismo discursivo que hierarquiza mulheres de acordo com sua utilidade ideológica e com os valores atribuídos por ele à aparência e ao comportamento feminino.

A menção às marcas *American Eagle*, *Jaguar* e *Bud Light* opera como marcadores ideológicos dentro da lógica da guerra cultural. A crítica dirigida à Jaguar se relaciona diretamente à reconfiguração da identidade corporativa da empresa. Em 2024/2025, a marca passou por uma reformulação que incluiu a retirada do tradicional logotipo do felino e a transição para carros totalmente elétricos, acompanhada de campanhas com forte apelo à sustentabilidade (Chia, 2025). Entre setores conservadores, tais mudanças foram interpretadas como alinhadas a uma agenda “woke”. Ao chamá-la de “*total disaster*”, Trump associa transformações ambientais a fracasso moral e econômico.

No caso da *Bud Light*, o ataque remete ao boicote nacional ocorrido após a colaboração da marca com Dylan Mulvaney, uma influenciadora trans. O episódio se tornou um dos maiores casos de boicote corporativo da década e serviu como símbolo, para grupos conservadores, de que empresas que adotam pautas de inclusão sofreram punições financeiras (Toh, 2023). Quando Trump afirma que a Jaguar “deveria ter aprendido a lição”, ele convoca precisamente essa memória coletiva.

Em contraste, o elogio à *American Eagle* funciona como um contraponto positivo, apresentado como exemplo de empresa que não cede a valores progressistas. Isso reforça a oposição dicotômica que estrutura o discurso de Trump: empresas e figuras públicas “corretas” (conservadoras) versus aquelas consideradas “fracassadas” (progressistas).

Assim, a postagem avaliativa sobre Sweeney, *Jaguar*, *Bud Light* e, especialmente, Swift sintetiza a estratégia discursiva de Trump: recuperar temas anteriores, reforçar hierarquias simbólicas, sexualizar e controlar mulheres no espaço público e reencenar a disputa hegemônica pela interpretação dos acontecimentos, um processo que, de acordo com Fairclough (2001), busca naturalizar relações de poder e produzir efeitos ideológicos duradouros.

7. Resultados

Os discursos analisados indicam que a figura de Taylor Swift opera, para Trump, como um recurso discursivo estratégico, independentemente do conteúdo real do posicionamento da artista. Na lógica discursiva construída pelo ex-presidente, Swift não é

tratada como um sujeito com agência própria, mas como um elemento simbólico que ele pode acionar para alimentar a narrativa polarizadora que estrutura sua base política.

Trump mobiliza Swift para reforçar a dicotomia “*nós vs. eles*”, típica de discursos populistas, na qual qualquer voz divergente é automaticamente enquadrada como inimiga. Assim, se Swift não está ao lado dele, então, na narrativa que ele constrói, estaria automaticamente contra “o povo”, “a verdade” ou “os verdadeiros americanos”. Essa operação discursiva é coerente com o que Fairclough (2001) descreve como luta hegemônica: uma disputa contínua por significados sociais na qual determinados grupos tentam definir quais discursos são legítimos e quais devem ser marginalizados.

Ainda que Trump não tenha poder real para prejudicar diretamente a carreira da cantora, isso não impede a eficácia retórica de sua fala. Seu objetivo não é factual, mas simbólico: produzir efeitos ideológicos, influenciar percepções e manter sua base mobilizada por meio da oposição a uma figura pública muito mais popular do que ele em alguns setores sociais. Na lógica do discurso digital, não é necessário comprovar nada para que a acusação circule, basta enunciar. Seus seguidores, já alinhados a sua visão de mundo, tendem a aceitar e reproduzir sua versão dos fatos, fortalecendo o ciclo de legitimação interna do grupo.

A escolha de Swift como alvo também não é aleatória. A cantora iniciou sua carreira no country, gênero fortemente associado ao conservadorismo estadunidense, ao patriotismo e a ideologias tradicionais. Além disso, sua aparência, bem sucedida, jovem, branca, loira, “*All-American*”, corresponde ao que parte da direita cultural considera como ideal simbólico de feminilidade. Quando essa figura aparentemente alinhada à uma identidade conservadora se posiciona contra Trump, ocorre um “rompimento” simbólico que ameaça a narrativa de coesão do grupo. Por isso, suas críticas precisam ser discursivamente neutralizadas.

Nesse sentido, o ataque de Trump funciona como uma estratégia de “controle de danos”: a tentativa de enquadrar Swift como uma traidora, alguém que não representa mais os valores do grupo e que, portanto, deve ser descartada e ridicularizada. A mensagem subjacente é clara: quem se opõe à hegemonia do grupo será isolado e deslegitimado.

O interesse central de Trump não é o debate político substantivo, mas a possibilidade de transformar o posicionamento da artista em capital discursivo. Swift se torna útil enquanto instrumento para intensificar a polarização, atrair atenção midiática e reforçar a lealdade de sua base. Através desse mecanismo, Trump busca manter os já convertidos dentro de sua órbita discursiva e impedir que opiniões divergentes tenham espaço de circulação dentro de sua comunidade interpretativa. Em outras palavras, seu objetivo não é convencer, mas dividir, fortalecendo fronteiras identitárias rígidas que sustentam seu projeto hegemônico.

A relevância discursiva de Taylor Swift não pode ser compreendida sem considerar sua posição singular no cenário cultural, econômico e midiático contemporâneo. Em 2023/2024, sua turnê *The Eras Tour* tornou-se um marco histórico ao arrecadar mais de US\$ 1 bilhão em apenas oito meses, sendo estimada em US\$2,2 bilhões ao final do ciclo, cifras inéditas na indústria musical. Cada parada gerou, em média, US\$1.300 gastos por fã em viagens, hospedagem, alimentação e consumo cultural, o que levou a Associação de Viagens dos EUA a compará-la ao *Super Bowl* “repetido cinquenta vezes”. O impacto total foi calculado em mais de US\$10 bilhões, impulsionando setores como turismo, hotelaria, aviação e varejo. O fenômeno extrapolou o entretenimento: governos e chefes de Estado, do Canadá ao Chile, publicaram declarações oficiais solicitando que a artista incluísse seus países na turnê, evidenciando que Swift mobiliza não apenas fãs, mas economias inteiras (Grammy, 2024).

Além da dimensão econômica, Swift detém enorme alcance social e político. Sua base de fãs, predominantemente jovem, feminino e altamente engajada nas redes sociais, transforma cada pronunciamento em uma circulação massiva de sentidos, ampliada pela lógica algorítmica das plataformas digitais.

Esse impacto não se limita ao campo musical: Swift desenvolveu uma marca pessoal baseada em *storytelling* estratégico, que articula narrativa biográfica, estética visual e engajamento direto com o público. Marcas globais como *McDonald's*, *Burger King*, *Duolingo* e *Netflix* adotaram elementos visuais inspirados no álbum *The life of showgirl* para capitalizar esse engajamento, reforçando o que a mídia descreve como seu “toque de Midas”(MORITZ, 2025)⁹.

Essa construção identitária, altamente planejada, contribui para sua autoridade discursiva, o que explica por que suas manifestações políticas alcançam repercussão social tão ampla. Ao narrar experiências pessoais em suas músicas e ativar temas com os quais muitas mulheres se identificam, Swift constrói vínculos afetivos e identitários que se convertem em capital discursivo. Por isso, sua entrada no debate político não pode ser tratada como a de uma celebridade comum: Swift reúne audiência, credibilidade moral e impacto econômico, tornando-se capaz de tensionar narrativas hegemônicas e alterar dinâmicas de poder no espaço público, um ponto central para a análise crítica do discurso.

⁹ “O rei Midas é um personagem da mitologia grega, conhecido por ser rei da Frígia e por transformar em ouro tudo o que tocava” (Silva, 2025, online). Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/grega/mito-do-rei-midas.htm>. Acesso em: 23 nov. de 2025.

Além do alcance econômico, Swift consolidou uma identidade discursiva marcada por autenticidade e credibilidade, construída ao longo de quase duas décadas de exposição pública sustentada por coerência narrativa e por uma identidade artística que valoriza vulnerabilidade, autoconsciência e responsabilidade social.

Assim, o que está em jogo não é Swift como indivíduo, mas o valor estratégico que ela tem na disputa simbólica e na formação de opinião pública. O fenômeno Taylor Swift adquiriu proporções tão amplas que sua opinião pública se tornou impossível de ignorar. O discurso construído em torno de sua imagem funciona como um instrumento poderoso de formação de narrativas, seja por meio de posicionamentos favoráveis, contrários ou pela tentativa de neutralizar a própria existência de sua voz. Ao mencioná-la, convoca-se simultaneamente uma ampla comunidade de fãs e críticos, cuja reação imediata de apoio ou oposição permite que seu impacto alcance diferentes públicos e esferas discursivas.

Outro fator que potencializa a força simbólica da figura de Swift é o fato de que sua imagem e sua produção estão inseridas em um campo historicamente marcado pela vigilância, moralização e controle do comportamento feminino. Desde o início da carreira, Swift foi alvo de narrativas que desqualificam sua legitimidade artística por compor sobre experiências afetivas, prática naturalizada e até celebrada quando realizada por homens, mas frequentemente ridicularizada quando exercida por mulheres. Seu público majoritariamente feminino também é alvo recorrente de estereótipos misóginos, que oscilam entre a infantilização (“meninas histéricas”) e a deslegitimação intelectual (“fãs irracionais”).

Assim, quando Swift assume um posicionamento político, ela desafia não apenas Trump, mas as expectativas sociais que delimitam quais tipos de discurso são tolerados para mulheres, especialmente para aquelas associadas à cultura pop. Nesse sentido, sua voz política rompe com papéis femininos “aceitáveis”, apolíticos, dóceis e neutros, e isso intensifica a reação de figuras conservadoras. Para Trump, explorar esse terreno é funcional: ao atacar Swift, ele aciona ideologias de gênero que deslegitimam mulheres que exercem agência pública, reforçando estereótipos que constituem um dos pilares de sua narrativa hegemônica.

Além disso, o discurso de Trump opera dentro de uma lógica profundamente centrada no masculino, na qual autoridade, racionalidade e legitimidade política são discursivamente associadas a figuras masculinas, enquanto mulheres que desafiam essa ordem são enquadradas como desviantes ou descontroladas. Essa estrutura patriarcal sustenta o modo como ele ataca Swift: seu valor público é reduzido a atributos físicos (“*hot*”, “*no longer hot*”), sua credibilidade é questionada por meio de rótulos moralizantes (“*woke singer*”) e sua posição política é tratada como inadequada para alguém do seu “lugar social”. Assim, Swift e

seu público, majoritariamente feminino, tornam-se alvos privilegiados na disputa ideológica, pois representam justamente aquilo que o discurso hegemônico de Trump tenta conter: mulheres que ocupam espaço, mobilizam opinião pública e desafiam a centralidade masculina no debate político.

A reação à presença pública de Swift revela, portanto, um incômodo estrutural: uma mulher jovem, influente e amada por milhões exerce um poder simbólico que escapa ao controle masculino tradicional. Isso explica por que Swift se torna alvo recorrente da retórica de Trump: atacar a artista significa reafirmar a autoridade masculina e reestabelecer a hierarquia de gênero que sua narrativa demanda.

Em síntese, a análise do confronto discursivo entre Trump e Taylor Swift evidencia como discursos políticos contemporâneos mobilizam celebridades como recursos simbólicos na disputa por hegemonia, reforçando fronteiras identitárias e reproduzindo ideologias de gênero. Isso confirma a centralidade da ACD como ferramenta para compreender como poder, mídia e cultura se entrelaçam na produção e circulação de sentidos.

8. Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar um corpus composto por postagens de Taylor Swift e Donald Trump, publicadas entre 2020 e 2025, nas redes sociais *Twitter (X)*, *Truth Social* e *Instagram*, a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough (2001), investigando como esses enunciados constroem representações ideológicas e participam de disputas hegemônicas no espaço digital. Inserido no contexto da comunicação política contemporânea e do papel das redes sociais na circulação de sentidos, o estudo adotou uma metodologia qualitativa, baseada na seleção, sistematização e interpretação de postagens relacionadas ao debate político norte-americano.

A análise seguiu o modelo tridimensional de Fairclough (2001), texto, prática discursiva e prática social, o que permitiu compreender como escolhas linguísticas, estratégias retóricas e condições de produção e circulação dos discursos reforçam, contestam ou ressignificam relações de poder, sobretudo no que diz respeito às ideologias de gênero e à construção de autoridade simbólica.

Os resultados obtidos demonstram que a mobilização de Taylor Swift no discurso de Donald Trump não se refere ao conteúdo real de suas posições políticas, mas ao valor simbólico que a artista ocupa no imaginário cultural contemporâneo. Para o ex-presidente, Swift funciona como um recurso estratégico que ativa e fortalece sua lógica de polarização,

contribuindo para a delimitação de fronteiras identitárias rígidas e para a manutenção de lealdades políticas. Essa dinâmica exemplifica a luta hegemônica descrita por Fairclough (2001), segundo a qual os discursos disputam não apenas significados, mas também o direito de definir legitimidades e posições sociais no espaço público.

Por outro lado, a posição singular de Swift, marcada por impacto econômico sem precedentes, capital simbólico elevado e forte identificação afetiva com milhões de fãs, faz com que suas intervenções ultrapassem o campo do entretenimento e repercutem diretamente em debates políticos e culturais. O caso analisado evidencia como mulheres que ocupam lugares de grande visibilidade seguem sendo alvo de tentativas de deslegitimação baseadas em estereótipos de gênero, especialmente quando rompem expectativas de neutralidade ou docilidade política. Assim, compreender como Swift e Trump disputam sentidos na esfera digital permite iluminar tensões mais amplas da sociedade norte-americana contemporânea, nas quais cultura pop, gênero, política e poder se entrelaçam. O estudo revela, portanto, não apenas a instrumentalização de figuras públicas por discursos populistas, mas também o potencial de agentes culturais para tensionar narrativas hegemônicas e reconfigurar dinâmicas simbólicas no espaço público.

Referências:

ASWAD, Jem. Donald Trump 'Did Nothing' on Music Modernization Act, Key Attorney Behind Legislation Says, Despite His Claim That He Made Taylor Swift 'So Much Money'. **Variety**, 11. fev. 2024. Disponível em: <https://variety.com/2024/music/news/trump-did-nothing-on-music-modernization-taylor-swift-1235907368/>. Acesso em: 10 out. 2025.

BARNES, Kelsey. The Taylor Swift Effect: 8 Ways The Eras Tour Broke Records & Shattered Sales. **GRAMMYS**, 14 mar. 2024. Disponível em: <https://www.grammy.com/news/taylor-swift-eras-tour-records-movie-disney-plus-stream>. Acesso em: 14 out 2025.

BATISTA JUNIOR, João Ricardo Lobianco; SATO, Denise Tamieko Barbosa; MELO, Izabel Fátima (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BBC NEWS. George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida. **BBC News Mundo**, 31 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 28 out. 2025.

BERGER, Chloe. Taylor Swift mobilizes 3× more voters than Biden with Harris endorsement. **Fortune**, 20 set. 2024. Disponível em: <https://fortune.com/2024/09/20/taylor-swift-kamala-harris-joe-biden-endorsement-mobilize-voter-registration/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

BOGAGE, Jacob. Trump says Postal Service needs money for mail-in voting, but he'll keep blocking funding. **The Washington Post**, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/2020/08/12/postal-service-ballots-dejoy/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

BRITANNICA. Truth Social. **Encyclopaedia Britannica**, 24 out. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Truth-Social>. Acesso em: 24 out. 2025.

CBS NEWS. "When the looting starts, the shooting starts": Trump tweet flagged by Twitter for "glorifying violence". **CBS News**, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/trump-minneapolis-protesters-thugs-flagged-twitter/>. Acesso em: 28 out. 2025.

CHANGE RESEARCH. In Her Political Era: Taylor Swift's Persuasion Effect. **Change Research**, fev. 2024. Disponível em: <https://changeresearch.com/taylor-swift/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CHIA, Osmond. Trump attacks 'woke' Jaguar as firm names new boss. **BBC News**, Singapura, 5 ago. 2025a. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c0l61d5g9ggo>. Acesso em: 1 dez. 2025.

CNN BRASIL. Uma breve história do Twitter, empresa comprada por Elon Musk. São Paulo: **CNN Brasil**, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/uma-breve-historia-do-twitter-empresa-comprada-por-elon-musk/>. Acesso em: 14 out. 2025..

DAILEY, Hannah. Taylor Swift speaks out against Supreme Court overturning Roe v. Wade: “I’m absolutely terrified”. **Billboard**, 24 jun. 2022. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/news/taylor-swift-speaks-out-against-supreme-court-overturning-roe-v-wade/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

DAILEY, Hannah. “I Hate Taylor Swift”: Everything Donald Trump Has Ever Said About the Pop Star. **Billboard**, 26 ago. 2025. Disponível em: <https://www.billboard.com/lists/donald-trump-taylor-swift-timeline-everything-hes-said/feb-11-2024-says-theres-no-way-taylor-could-endorse-joe-biden/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

ESTEVAO, Ilca Maria; TORRES, Bianca; MADEIRA, Hebert. Com Sydney Sweeney, campanha de jeans da American Eagle gera polêmica. **Metrópoles**, 29 jul. 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/com-sydney-sweeney-campanha-de-jeans-da-american-eagle-gera-polemica>. Acesso em: 1 dez. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FGV DIREITO. Rio. **Estratégias da desordem informacional de gênero**: narrativas sobre mulheres na política. Programa de Diversidade & Inclusão / Projeto Mídia e Democracia, 2024. Disponível em: <https://midiademocracia.fgv.br/estudos/estrategias-da-desordem-informacional-de-genero-narrativas-sobre-mulheres-na-politica>. Acesso em: 14 nov. 2025.

GAJEWSKI, Ryan. Hollywood flashback: Brooke Shields’ jeans ad did not sit well. **The Hollywood Reporter**, 7 ago. 2025. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/lifestyle/style/brooke-shields-jeans-ad-1236337779/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

KAUFMAN, Ellie; COHEN, Marshall; HOFFMAN, Jason; ROBERTSON, Nicky. Trump says he opposes funding USPS because of mail-in voting. **CNN Politics**, 13 ago. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/08/13/politics/trump-usps-funding-comments-2020-election/index.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

MORITZ, Manuela. Taylor Swift viraliza álbum e grandes marcas reagem na web. **Creativos BR**, 13 ago. 2025. Disponível em: <https://creativosbr.com.br/taylor-swift-viraliza-album-e-grandes-marcas-reagem-na-web/>. Acesso em: 10 out. 2025.

LUKIV, Jaroslav. Taylor Swift says she felt ‘fear’ over Vienna attack threat. **BBC News**, 22 ago. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cnvy7p4n4e9o>. Acesso em: 12 nov. 2025.

ROBINS-EARLY, Nick. Trump posts deepfakes of Swift, Harris and Musk in effort to shore up support. *The Guardian*, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/article/2024/aug/19/trump-ai-swift-harris-musk-deepfake-images>. Acesso em: 14 out. 2025.

ROY, Jessica. Taylor Swift tops the 2015 Maxim Hot 100. **Maxim**, 11 maio 2015. Disponível em: <https://www.maxim.com/entertainment/taylor-swift-tops-2015-maxim-hot-100/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SNAPES, Laura. Taylor Swift: Trump acha que sua presidência é uma autocracia. **The Guardian**, 23 ago. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2019/aug/23/taylor-swift-trump-thinks-his-presidency-autocracy>. Acesso em: 14 out. 2025.

SWIFT, Taylor. Post no Instagram sobre o cancelamento dos shows em Viena e a segurança do público. Instagram, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-8sKGYymIC/?igsh=aW52bWRvMTFkM2do>. Acesso em: 26 maio 2026.

SWIFT, Taylor. No passado, eu relutava em expressar publicamente minhas opiniões políticas... **Instagram**, 6 out. 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BopoXpYnCes/>. Acesso em: 14 out. 2025.

SWIFT, Taylor. Trump’s calculated... X (Twitter), 15 ago. 2020. Disponível em: <https://x.com/taylorswift13/status/1294685437362155522>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SWIFT, Taylor. Donald Trump 's ineffective... X (Twitter), 15 ago. 2020. Disponível em: <https://x.com/i/status/1294685438528159749>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SWIFT, Taylor. After stoking the fires... X (Twitter), 29 mai. 2020. Disponível em: <https://x.com/taylorswift13/status/1266392274549776387>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SWIFT, Taylor. [Post no Instagram sobre eleições]. Instagram, 11 set. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_wtAOKOW1z. Acesso em: 15 nov. 2025.

TOH, Michelle. Reação conservadora à Bud Light gerou prejuízo de US\$ 395 milhões para AB InBev. **CNN Brasil**, Hong Kong, 1 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/reacao-conservadora-a-bud-light-gerou-prejuizo-de-us-395-milhoes-para-ab-inbev/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

TREISMAN, Rachel. JD Vance went viral for ‘cat lady’ comments: the centuries-old trope has a long tail. **NPR**, 29 jul. 2024. Disponível em: <https://www.npr.org/2024/07/29/nx-s1-5055616/jd-vance-childless-cat-lady-history>. Acesso em: 12 nov. 2025.

TRUMP, Donald. Has anyone noticed that, since I said “I HATE TAYLOR SWIFT”... Truth Social, 16 maio 2024. Disponível em: <https://truthsocial.com/users/realDonaldTrump/statuses/114517718765768352>. Acesso em: 15 nov. 2025.

TRUMP, Donald. I HATE TAYLOR SWIFT! Truth Social, 15 set. 2024. Disponível em: <https://truthsocial.com/users/realDonaldTrump/statuses/113142103182027626>. Acesso em: 15 nov. 2025.

TRUMP, Donald. [Post com montagem via IA de fãs de Taylor Swift]. Truth Social, 18 ago. 2024. Disponível em: <https://truthsocial.com/@realDonaldTrump/112984762512136574>. Acesso em: 15 nov. 2025.

TRUMP, Donald. [Post sobre Music Modernization Act]. Truth Social, 11 fev. 2024. Disponível em: <https://truthsocial.com/@realDonaldTrump/posts/111913990846366079>. Acesso em: 15 nov. 2025.

TRUMP, Donald. [Post sobre Sydney Sweeney, marcas e “being WOKE is for losers”]. Truth Social, 4 ago. 2025. Disponível em: <https://truthsocial.com/users/realDonaldTrump/statuses/114970952739677687>. Acesso em: 28 nov. 2025.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VIEIRA, João Alexandre; MACEDO, Danilo Silva. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JUNIOR, João Ricardo Lobianco; SATO, Denise Tamieko Barbosa; MELO, Izabel Fátima (Orgs.). *Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018.